



ROMPENDO O SILÊNCIO: HISTÓRIAS DE VIDA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Ana Lúgia Rodrigues de Farias



ROMPENDO O SILÊNCIO: HISTÓRIAS DE VIDA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS



Editora
SEDUC

SECRETARIA DE ESTADO
DA EDUCAÇÃO, DO ESPORTE
E DA CULTURA



SERGIPE
GOVERNO DO ESTADO

GOVERNADOR DO ESTADO DE SERGIPE

Belivaldo Chagas Silva

VICE-GOVERNADORA DO ESTADO DE SERGIPE

Eliane Aquino Custódio

SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, DO ESPORTE E DA CULTURA

Josué Modesto dos Passos Subrinho

SUPERINTENDENTE EXECUTIVO DE EDUCAÇÃO

José Ricardo de Santana

SUPERINTENDENTE ESPECIAL DE ESPORTE

Mariana Dantas Mendonça Gois

Coordenador do Programa Editorial da SEDUC

Sidiney Menezes Gerônimo

Assessor Administrativo do Programa

Editorial da SEDUC: Jonas José de Matos Neto

Membros do Conselho Editorial:

Josué Modesto dos Passos Subrinho (Presidente), Sidiney Menezes Gerônimo (Coordenador), Simone Paixão Rodrigues, Rosemeire Marcedo Costa, Eliana Midori Sussuchi, Débora Evangelista Reis Oliveira, Roberto Jerônimo dos Santos Silva, Aglaé D'Ávila Fontes.

ROMPENDO O SILÊNCIO: HISTÓRIAS DE VIDA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Ilustração: Desirée Menezes de Jesus

Capa: Desirée Menezes de Jesus

Diagramação: Desirée Menezes de Jesus

Editora SEDUC – 2021

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Farias, Ana Lígia Rodrigues de

F224r Rompendo o silêncio: histórias de vida na Educação de Jovens e Adultos / Ana Lígia Rodrigues de Farias. – Aracaju : Editora SEDUC, 2021.
128 f. : il. color – (Coleção Palavra de Educador (a))

ISBN 978-65-5371-008-5

1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Ensino de História. 3. História Oral. 4. Memória Coletiva. I. Farias, Ana Lígia Rodrigues de. II. Título.

CDU: 374.7

Ficha elaborada pela bibliotecária Ma. Isis Carolina Garcia Bispo – CRB-2037

SECRETARIA DE ESTADO
DA EDUCAÇÃO, DO ESPORTE
E DA CULTURA



SERGIPE
GOVERNO DO ESTADO

Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura - SEDUC
Rua Gutemberg Chagas, 169, DIA Inácio Barbosa, Aracaju - SE | CEP: 49040-780

O Programa Editorial da SEDUC

O Programa Editorial da Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura - SEDUC/SE apresenta à sociedade os livros produzidos por estudantes, professores(as), profissionais de gestão e pesquisadores(as) em geral, envolvidos(as) com as redes públicas estadual e municipais da educação sergipana. O lançamento dessas obras sinaliza para a concretização de metas estabelecidas no **Plano de Governo Pra Sergipe Avançar (2019-2022)**, cuja execução contou com a participação do Conselho Editorial da SEDUC, de representantes das comunidades escolares e das academias de letras locais. O resultado dessa construção coletiva está materializado nas **Coleções de livros** do Programa Editorial da SEDUC.

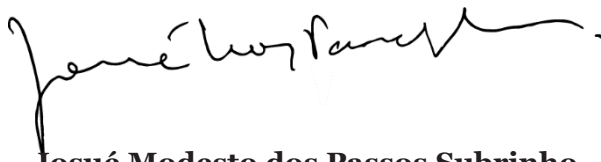
A **magia de escrever e desenhar** é a coleção que cultiva o jardim das primeiras letras, cuidando carinhosamente do processo de alfabetização. A coleção **Estudante escritor(a)** cuida de cada palavra como flor do processo de letramento, que evolui junto com nossos(as) estudantes dos ensinos fundamental e médio.

Já a coleção **Palavra de Educador(a)** transforma dissertações e teses em livros científicos, bem como publica as aventuras docentes pelo universo literário. A coleção **Saberes em gestão educacional**, por sua vez, abriga a produção dos(as) profissionais de gestão que atuam nas estruturas administrativas da SEDUC e Secretarias Municipais de Educação.

Histórias de Sergipe é o nome da coleção responsável pela preservação da memória sergipana, ao passo que a coleção **Paradidáticos sergipanos** gesta material de apoio didático para todos

os componentes curriculares da educação básica. Por fim, a coleção **Autores(as) da inclusão** abraça as criações de estudantes com deficiência no âmbito da educação pública do nosso Estado.

Espera-se que, a cada ano letivo, um novo empreendimento editorial seja divulgado, a fim de que as comunidades escolares possam desenvolver uma cultura escolar do hábito da leitura e da produção da escrita.

A handwritten signature in black ink, reading "Josué Modesto dos Passos Subrinho". The signature is fluid and cursive, with a long horizontal stroke at the end.

Josué Modesto dos Passos Subrinho

Secretário de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura

Dedicatória (in memoriam)
À Maria Rodrigues da Silva,
minha avó, grande admiradora do
conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição pelas orientações na construção deste trabalho e pelo incentivo e apoio para torná-lo um livro, sempre com compromisso e competência.

Aos alunos da Educação de Jovens e Adultos da EMEF Oviedo Teixeira, especialmente, aos narradores-colaboradores que dispuseram de seu tempo e de suas vivências para contribuir com este trabalho. Sem eles, não seria possível tal realização.

A André Lisboa, que colaborou com os recursos audiovisuais utilizados na realização deste trabalho.

À minha querida família, sou muito grata por sempre estarem ao meu lado na caminhada da vida. Em especial, gratidão à minha mãe Lourdes Monteiro e à minha tia Gisélia Rodrigues pelo empenho na minha formação intelectual.

À Jamille Rodrigues, agradeço pela colaboração e contribuições intelectuais ao longo do trabalho.

À Inês Monteiro, pelo apoio e parceria na vida profissional.

Aos meus amigos pelo apoio e carinho. Em especial, à Cristiana e família.

Aos colegas e professores do Mestrado Profissional em Ensino de História pelo aprendizado e pelas contribuições na pesquisa.

Aos colegas da Escola Municipal de Ensino Fundamental Oviedo Teixeira pelo apoio durante essa jornada.

Ao Programa Editorial da Secretaria de Estado da Educação de Sergipe pela oportunidade de publicar este trabalho.

SUMÁRIO

PREFÁCIO

II

INTRODUÇÃO

15

CAPÍTULO 1

1 ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

1.1 CONFIGURAÇÃO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

25

1.2 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

31

1.3 O USO DA HISTÓRIA ORAL NO ENSINO DE HISTÓRIA

40

CAPÍTULO 2

2 ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): EMEF OVIÊDO TEIXEIRA – ARACAJU/SE

2.1 LÓCUS: ESCOLA MUNICIPAL OVIÊDO TEIXEIRA

47

2.2 PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA EMEF OVIÊDO TEIXEIRA

51

2.3 ROTEIRO DE TRABALHO COM HISTÓRIA ORAL DE VIDA EM SALA DE AULA

CAPÍTULO 3

3 TRABALHANDO COM HISTÓRIA ORAL DE VIDA NO ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

59

3.1 HISTÓRIA ORAL DE VIDA

59

3.1.1 “O que sinto mais falta é não ter tido a oportunidade de ter estudado mais”

61

3.1.2 “Estude, minha filha para ser alguém na vida!”

63

3.1.3 “O rap é uma poesia que a gente fala do dia a dia”

66

3.1.4 “Aquela nega preta venceu na vida”

68

3.1.5 Minha avó sempre dizia: “Minha filha, levante a cabeça, um dia você vai conseguir o que você quer”

73

3.1.6 “Tenho direito a ter uma educação melhor, a ter uma profissão melhor”

76

3.2 RECORTES TEMÁTICOS DAS HISTÓRIAS DE VIDA

83

3.3 PROPOSTAS DE ATIVIDADES COM HISTÓRIA ORAL DE VIDA
PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NA EJA

108

CONSIDERAÇÕES FINAIS

119

REFERÊNCIAS

123

FONTES

127

Prefácio

Rompendo o silêncio: Histórias de vida na Educação de Jovens e Adultos é o título do livro de Ana Lígia Rodrigues de Farias, resultante da dissertação defendida pela autora no ano de 2018, no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Sergipe, a qual tive a grande satisfação de orientar.

Ana Lígia, levando em conta sua experiência como professora na EJA, delimitou como questão fulcral do seu estudo a discussão a respeito de significados e sentidos do ensino de História para os estudantes inseridos nessa modalidade de ensino. Para isso, a autora situa e discute os contornos do ensino de História na Educação de Jovens e Adultos (EJA), nos documentos normatizadores e em referências especializadas, notadamente o debate em torno de produções advindas da área do Ensino de História.

Além de discussões do ensino de História na EJA, a autora apresenta um texto propositivo no sentido de sugerir atividades didáticas com potencialidade para contribuir com o desenvolvimento da prática do professor de História, na ideia de utilizar histórias de vida dos estudantes – captadas com a utilização de pressupostos da história oral –, visando inserir vivências e experiências desses sujeitos nos processos de ensino-aprendizagem.

A fim de enfrentar discussões pertinentes ao objeto e apresentação de sua proposta, Ana Lígia organizou o livro em uma parte

introdutória, três capítulos e as conclusões. Na *Introdução*, a autora apresenta ao leitor os contornos basilares da pesquisa, como a delimitação do objeto, motivações e questões norteadoras, objetivos, a discussão de procedimentos metodológicos utilizados e situa a pesquisa dentro das discussões da área do Ensino de História. Igualmente, informa ao leitor os procedimentos éticos adotados a fim de garantir a proteção das identidades dos sujeitos participantes da pesquisa.

O primeiro capítulo, intitulado *Ensino de História na Educação de Jovens e Adultos*, é um panorama histórico da constituição da Educação de Jovens e Adultos e das discussões em torno do ensino de História nessa modalidade de ensino. Nesse capítulo consta também a discussão inicial acerca da utilização do gênero narrativo da História oral de vida e aspectos relacionados com a memória coletiva, os quais permeiam toda a obra.

No capítulo seguinte, *Ensino de História na Educação de Jovens e Adultos (EJA)*..., a autora situa a Escola Municipal Oviêdo Teixeira, localizada na capital, Aracaju (SE) – estabelecimento-campo onde foram levantadas fontes para a realização do estudo e a proposição do projeto de História oral com os estudantes da EJA –, enfatizando características do entorno da escola, do projeto político pedagógico e do perfil discente. Nessa parte do livro destaca-se a proposta de roteiro de trabalho com a História oral de vida, visando à captação e utilização nas atividades didáticas de “memórias de expressão oral”¹ de estudantes, considerados na pesquisa como narradores/colabo-

1 MEIHY, José Carlos Sebe Bom; SEAWRIGHT, Leandro. **Memórias e narrativas**: História oral e aplicada. São Paulo: Editora Contexto, 2020.

radores. Como ressalta a autora: “São histórias que se entrecruzam nos caminhos da luta pela sobrevivência e, mais que isso, na busca de uma vida digna. A infância e a adolescência de quatro dos seis alunos colaboradores perpassam pela questão do trabalho infanto-juvenil, demonstrando a origem socioeconômica desses indivíduos, de famílias pobres, cuja mão de obra torna-se importante para a sua sobrevivência e da sua família” (p. 69).

No capítulo terceiro, cujo título é *Trabalhando com História Oral de vida no Ensino de História na Educação de Jovens e Adultos (EJA)*, o protagonismo dos estudantes fica evidenciado, pois a autora apresenta propostas de atividades didáticas com a utilização do gênero narrativo da História oral de vida, em que a fonte são as “memórias de expressão oral” deles. Assim, são exploradas nas significativas e elucidativas narrativas dos estudantes, temáticas como infância, trajetória escolar, trabalho, migrações, relação com o lugar onde eles moram (moradia, saneamento básico, lazer, saúde, educação, segurança).

A autora encerra o capítulo com sugestões criativas ao (à) professor/ra de atividades didáticas de História que podem ser desenvolvidas com os estudantes da EJA. Nessas atividades constata-se a exploração em torno de formações do sentimento de pertencimento e das identidades dos sujeitos envolvidos. Como Ana Lígia ressalta, as atividades sugeridas “[...] são apenas uma amostra das possibilidades de uso que pode ser dado ao material produzido nesta pesquisa ou, ainda, pode servir de inspiração para que o professor realize o seu próprio projeto de história oral de vida em sala de aula”

(p. 63).

Finalizo convidando a todos a conhecerem a escrita de Ana Lígia, produção que é, sem dúvida, fruto de uma pesquisa profícua realizada por uma professora de História com experiência na Educação de Jovens e Adultos e que revela a seriedade dos estudos realizados, o compromisso, competência e sensibilidade da pesquisadora.

Joaquim Tavares da Conceição

Aracaju (SE), novembro de 2021.

INTRODUÇÃO

Este livro é resultado do trabalho desenvolvido no Mestrado Profissional em Ensino de História na Universidade Federal de Sergipe, sob a orientação do Prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição. O presente estudo tem como proposta pensar o ensino da História nas instituições escolares. O trabalho realizado foi um projeto de registro das histórias de vida dos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) por meio da metodologia da história oral, visando à composição de um acervo pedagógico para professores com o intuito de contribuir para implementar um ensino cujas práticas pedagógicas valorizem toda a carga de vivências e experiências deste público.

Enquanto professora da EJA, alguns questionamentos sempre me acompanharam: O que ensinar aos alunos da EJA? Que metodologias utilizar nesse ensino? Que significado tinha na vida dos alunos o que estava sendo ensinado? Todas essas questões levaram-me a perceber a necessidade de desenvolver um trabalho que ofereça ao aluno um ensino que faça sentido para ele, que o leve a perceber a sua importância na comunidade enquanto sujeito histórico.

Assim, este livro apresenta uma proposta pedagógica baseada na coleta de dados das histórias de vida dos alunos e tratadas à luz da metodologia da história oral. O estudo teve como intuito, também, discutir o ensino de História na EJA e o papel das histórias de vida enquanto fonte e instrumento da prática pedagógica nesse ensino.

Outro propósito foi compreender que trajetórias foram trilhadas por essas pessoas até chegarem à EJA e o que esperam da educação escolar.

Ao entrevistar os alunos, conheço não somente a sua memória, pois esta vem acompanhada de lembranças compartilhadas com outros: família, colegas da escola, vizinhos. A relevância de se conhecer as vivências desses sujeitos consiste na percepção de que há uma memória coletiva de resistência à marginalização que pode contribuir na formação da identidade desse grupo. Ao escolher trabalhar com a fonte oral e as memórias em sala de aula, é com o propósito de aproveitar todo o potencial da oralidade dos alunos da Educação de Jovens e Adultos e as experiências de um grupo de pessoas que migrou do campo para a cidade, que vive de subemprego e que mora nas periferias. A intenção é promover nos alunos uma reflexão acerca do papel da memória coletiva na formação de uma identidade do grupo.

A memória é entendida aqui a partir da obra *A Memória Coletiva*, de Maurice Halbwachs (1990), não sendo apenas lembranças de fatos passados, mas como um acontecimento social e coletivo, que ocorre na interação entre os indivíduos. Segundo o autor, “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembranças pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos que só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos” (HALBWACHS, 1990, p. 26).

A proposta do uso de memórias em sala de aula é mostrar para o aluno que a memória individual e a memória coletiva estão entrela-

çadas e que a formação da identidade individual ou grupal acontece por meio das lembranças dos caminhos percorridos por eles, pelos pais, pelos avós e por todos da sua comunidade, ou seja, “é a partir da interação com o outro que construímos o nosso sentido de pertencimento” (OLIVEIRA et al., 2012, p. 80).

O sentimento de pertencimento só é possível a partir do momento em que os sujeitos envolvidos entendem o seu percurso como sendo uma representação do grupo no qual estão inseridos. Michael Pollack trata da relação entre a memória e a formação da identidade da seguinte forma:

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual, como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLACK, 1992, p. 5).

A memória é o pilar da identidade, por isso, é tão importante que, nas escolas, haja momentos de recordação das memórias dos grupos populares que foram silenciadas por tanto tempo pela hegemonia da história dos “grandes homens”. A partir dessas memórias, vai ser possível construir identidades positivas para que possam se sobrepor às memórias negativas dessas culturas. Entender que as memórias, mesmo que individuais, são do coletivo, lembranças vividas em conjunto de classe, de raça, de gênero, de lugar. De acordo com Miguel Arroyo:

Nas suas narrativas, nas oficinas, fica explícito que os alunos não se limitam a uma imersão na própria memória individual. Sua memória é coletiva, todos os

fatos lembrados são em coletivo – da mãe, avó, amigos, familiares, vizinhos, do campo, da vila, do bairro. Memórias da classe, da raça, do gênero. Trata-se de imersão na memória de seu coletivo, como mulheres, negros, do campo, da favela, das periferias, pobres (ARROYO, 2017, p. 193).

A memória dos estudantes das escolas públicas precisa cada vez mais de espaço dentro dos currículos escolares. Os alunos necessitam enxergar-se como sujeitos históricos, suas lembranças e vivências representam um coletivo de classe, raça, gênero. Para Carmem Zeli Gil e Dóris Bittencourt Almeida:

É importante o desenvolvimento da percepção de que a história de vida não é algo puramente individual, mas que nossas vivências estão entrelaçadas na vida de outras pessoas, que somos influenciados pelos discursos circulantes na sociedade (2012, p. 71).

A classe popular tem direito de se ver representada nas narrativas históricas, de seus feitos cotidianos, de suas vivências. Trabalhar com memórias exige ter a clareza de que elas têm força político-pedagógica, ou seja, são formadoras de identidades. Miguel Arroyo lança uma série de questões sobre o lugar da memória no ensino:

Qual memória é privilegiada e qual memória é ignorada? Que coletivos são reconhecidos sujeitos de memórias, legítimas, nacionais, e que coletivos são pensados sem memória? Que memórias são tidas à margem da memória nacional? Não é difícil responder a essas questões, sabe-se que as memórias do povo comum sempre foram desprestigiadas em nome de uma memória dos grandes homens. E ele mesmo responde “a história privilegiada nos currículos traz a memória dos grandes vultos da história, não as memórias do

povo ‘comum’, que chega às escolas públicas e à EJA” (ARROYO, 2017, p. 193).

A história oral tem papel importante no processo de estudo da história na medida em que possibilita a relação entre passado e presente e a valorização da memória individual e coletiva. Memória que até pouco tempo não era considerada, pois havia uma memória oficial e institucionalizada caracterizada por mitos políticos intocáveis, preconceitos e estereótipos. Os professores precisam compreender que a educação histórica ocorre mais fora da escola do que dentro dela, portanto, a história dos indivíduos e familiares e do lugar em que vivem precisa ser explorada em sala de aula. Ainda de acordo com Selva Guimarães Fonseca, esse olhar para a vida do sujeito fora da escola é importante porque:

Nós, professores, não apenas estamos na história, mas fazemos, aprendemos e ensinamos História. A educação histórica e a formação da consciência histórica dos sujeitos não ocorrem apenas na escola, mas em diversos lugares. Isto requer de nós uma relação viva e ativa com o tempo e o espaço do mundo no qual vivemos, por menor que ele seja. O meio no qual vivemos traz as marcas do presente e de tempos passados. Nele, encontramos vestígios, monumentos, objetos, imagens de grande valor para a compreensão do imediato, do próximo e do distante. O local e o cotidiano como locais de memória são constitutivos, ricos de possibilidades educativas, formativas (GUIMARÃES FONSECA, 2006, p. 127).

Entende-se que os alunos da EJA possuem especificidades como jovens e adultos com trajetórias de vida marcadas pela luta pela sobrevivência e que devem ser consideradas quando se pensa o ensino

para esse grupo. Sendo assim, é necessário um currículo que atenda a esta demanda. A ideia desta pesquisa é trabalhar os conteúdos históricos a partir da história oral de vida em sala de aula, visando à construção de uma consciência histórica por meio da valorização de vivências humanas e da tradição oral. Portanto, o professor de História precisa de sensibilidade para escutar as vozes dos que estão ao seu redor, o seu papel é colher, interpretar e divulgar. Para a autora supracitada, “[...] a escola e as aulas de História são lugares de memória, da história recente, imediata e distante” (GUIMARÃES FONSECA, 2006, p.132).

O problema de pesquisa foi investigar de que forma é possível oferecer um ensino de História que faça sentido para o aluno da Educação de Jovens e Adultos e que valorize, em sala de aula, as experiências trazidas pelos discentes, e, para tanto, foi elaborado um projeto de história oral.

A história oral começou a ser utilizada depois da invenção do gravador nos anos 1950 nos Estados Unidos, na Europa e no México, por profissionais diversos. No Brasil, ela chegou na década de 1970, quando foi criado o Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação (CPDOC) e, em 1994, foi criada a Associação Brasileira de História Oral, que congrega membros de todas as regiões brasileiras (FRANCO; SCHMIDT, 2014, p. 2).

Como recurso pedagógico, os dados das histórias de vida coletadas por meio da técnica da entrevista servirão na condição de fonte histórica para a exploração no ensino de História. Desta forma, as entrevistas servirão para a produção de material audiovisual e escri-

to para uso pedagógico, o qual vai propiciar para o envolvido no processo uma consciência histórica e, de acordo com Figueira e Miranda (2012, p. 63), a compreensão de “quem ele é em face do mundo e que papéis pode assumir para ser protagonista de sua própria existência e da comunidade onde está inserido”.

A história oral aqui foi utilizada como meio, visto que o corpus documental foi analisado como fim em si mesmo. Trata-se do tipo de história oral plena, já que as entrevistas consistiram em única fonte para a realização deste estudo. Neste estudo, será utilizado o conceito de narradores-colaboradores de Meihy e Ribeiro (2011), entendido como parceria de sujeitos ativos (entrevistadores e entrevistados) com o propósito de produzir um resultado.

A pesquisa foi realizada em etapas apresentadas por José Carlos Meihy e Fabíola Holanda (2011). Os próximos passos depois do planejamento foram o levantamento de fontes e a produção de informações, que consistiram na formação de um corpus documental a partir das entrevistas com os colaboradores, as quais foram analisadas na perspectiva da construção de visões de mundo acerca de temáticas comuns aos entrevistados. Foram selecionados 6 narradores-colaboradores, alunos da Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal Oviêdo Teixeira, da 1ª à 4ª etapa da 2ª Fase. Para tal seleção, foram considerados critérios de idade e desenvoltura oral.¹

A identidade dos colaboradores foi mantida em sigilo, os nomes são fictícios e algumas informações pessoais foram suprimidas, este cuidado visa à preservação destes indivíduos que, ao narrarem as

¹ A ideia foi ter representação geracional. Não houve representantes da 1ª etapa por falta de disponibilidade dos colaboradores.

suas histórias, tocam em assuntos sensíveis da vivência individual ou coletiva, como uso de drogas, violência física e sexual, gravidez na adolescência, racismo, bullying, entre outros. A escolha em dar novos nomes de pessoas aos colaboradores teve como objetivo não despersonalizar a narrativa.

Tabela 1 – Relação dos narradores / colaboradores²

Número	Entrevistado (a)	Escolaridade	Ocupação	Idade
01	Paula	2ª Etapa (EJA)	Desempregada	43 anos
02	Maria	2ª Etapa (EJA)	Auxiliar de Serviços Gerais	33 anos
03	Claudia	4ª Etapa (EJA)	Dona de casa	39 anos
04	Joana	3ª Etapa (EJA)	Dona de casa	51 anos
05	Pedro	4ª Etapa (EJA)	Desempregado	19 anos
06	João	3ª Etapa (EJA)	Motoboy	38 anos

Fonte: Tabela elaborada pela autora a partir de informações coletadas nas entrevistas.

As entrevistas foram realizadas a partir de perguntas/estímulos abertas para que o colaborador organizasse a sua narrativa e cronologia livremente sobre temas cotidianos da sua vida: infância, trajetória escolar, trabalho, migrações, vida privada e a relação com o lugar onde mora (moradia, saneamento básico, lazer, saúde, educação, segurança). Elas ocorreram na escola em que o entrevistado estuda, no período noturno, e foram captadas por meio da gravação audiovisual.

² A escolaridade, a ocupação e a idade foram consideradas as do momento da entrevista, ocorrida nos dias 22/03/2018 e 27/03/2018.

A transcrição consistiu em converter diálogos captados por recurso audiovisual para o texto escrito, etapa que foi fundamental para a elaboração e a análise da documentação escrita. O texto transcrito serviu à construção de um repertório de atividades como sugestões para o professor fazer uso em sala de aula e para chegar a reflexões a respeito das trajetórias de vidas de alunos da EJA. O trabalho do professor é utilizar a vida presente do aluno para construir uma narrativa histórica que faça sentido para ele.

O livro organiza-se em quatro partes: a primeira é a introdução, onde se encontram os motivos que provocaram o presente estudo, assim como os objetivos, os conceitos, o problema e os procedimentos metodológicos da pesquisa. O primeiro capítulo traz uma configuração da Educação de Jovens e Adultos, do Ensino de História e da História Oral. O segundo consiste em mostrar o local e o aparato pedagógico que ampara o projeto de História Oral desenvolvido na Emef Oviêdo Teixeira, em Aracaju/SE, com alunos da Educação de Jovens e Adultos. O último capítulo trata-se da proposição de atividades para o ensino de História a partir dos dados das histórias de vida coletadas. Nas considerações finais são retomadas discussões sobre a trajetória do aluno da EJA e o papel da educação na vida destes.

CAPÍTULO 1

ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

1.1 CONFIGURAÇÃO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

No decorrer do século XX, surgem, de forma mais efetiva, movimentos em prol de combater o analfabetismo, motivados pelo processo de urbanização e industrialização, que visavam à formação de uma mão de obra apta para o comércio e a indústria. E os próprios operários requeriam a educação em seus pleitos. Nessa época, o Decreto n.º 16.782/A, de 13 de janeiro de 1925, conhecido como Lei Rocha Vaz, ou Reforma João Alves, estabeleceu a criação de escolas noturnas para adultos. Foi a partir da Constituição de 1934, que a educação se tornou obrigatória e gratuita para todos. Algumas ações do Estado para a educação de jovens e adultos foram realizadas no período de 1940 a 1960, entre elas: a criação do Fundo Nacional de Ensino Primário (1942), o Serviço de Educação de Adultos (SEA), em 1947, a criação de campanhas como a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), em 1947, a Campanha Nacional de Educação Rural (1952) e a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (1958) (BRASIL, 2002).

A lei n.º 4.024/61 estabeleceu que “os maiores de 16 anos poderiam obter certificado de conclusão do curso ginasial mediante a prestação de exames de madureza, e os maiores de 19 anos poderiam obter o certificado de conclusão do curso colegial” (BRASIL, 2002, p.

14). A partir dessa lei, muitas instituições privadas, com autorização dos Conselhos de Educação, assumiram a responsabilidade de aplicar exames juntamente com os órgãos oficiais. Nesse momento, surgiram os seguintes movimentos de educação popular: o Movimento de Educação de Base (MEB), da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB); o Movimento de Cultura Popular do Recife, iniciado em 1961; os Centros Populares de Cultura da União Nacional dos Estudantes (UNE); a Campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler, da Secretaria Municipal de Educação de Natal; e o Programa Nacional de Alfabetização do Ministério da Educação e Cultura, em 1964, que contou com a presença de Paulo Freire (BRASIL, 2002).

A década de 60 do século XX foi marcada pelo pensamento pedagógico de Paulo Freire, que influenciou todos os movimentos de educação popular. Em 1964, foi aprovado o Plano Nacional de Alfabetização, que tinha por objetivo disseminar-se por todo o Brasil. Mas com o golpe militar, nesse mesmo ano, esse projeto foi interrompido. O regime militar criou os seus projetos para enfrentar o analfabetismo, dentre eles, o mais destacado foi o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), que se espalhou pelo Brasil e funcionou até os anos de 1980. Em 1971, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (n.º 5.692/71), foi implantado o ensino supletivo (BRASIL, 2002). O ensino supletivo ganhou capítulo próprio na LDBEN n.º 5.692/71, estabelecendo que ele se destinava a “suprir a escolarização regular para adolescentes e adultos que não a tinham seguido ou concluído na idade própria”. Esse ensino poderia ser ministrado a distância, por correspondência ou por outros

meios adequados. Os cursos e os exames seriam organizados dentro dos sistemas estaduais, de acordo com seus respectivos Conselhos de Educação (BRASIL, 2002).

Em 1985, foi implantada a Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos (Educar), que tinha como funções: estimular o atendimento das séries iniciais do 1º grau, a produção de material pedagógico e a avaliação de atividades, sendo extinta em 1990. Nesse mesmo ano, o Brasil participa da Conferência Mundial de Educação para todos, na Tailândia, de onde sai com o compromisso de melhorar o atendimento na educação de jovens e adultos. No entanto, somente no ano de 1994, fica pronto o Plano Decenal, o qual fixa metas para esse atendimento (BRASIL, 2002).

Nesta perspectiva, a Constituição Federal brasileira de 1988 garantiu, em seu artigo 205, que “a educação é direito de todos e dever do Estado e da família” (BRASIL, 1988, cap. III, seção I) e, em seu artigo 208, estabelece que esse dever deve assegurar educação básica, inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria (BRASIL, 1988).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.394/96) veio consolidar a garantia de educação escolar para aqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio em idade própria. A idade mínima é de 15 anos para matricular-se no ensino fundamental e 18 anos para o ensino médio. Outras normas foram sendo criadas desde então para dar suporte legislativo à EJA, como o parecer 05/97 que trata da questão da denominação “Educação de Jovens e Adultos” e “Ensino Supletivo”. Tal parecer define

os limites de idade fixados para que jovens e adultos se submetam a exames supletivos, define as competências dos sistemas de ensino e explicita as possibilidades de certificação. Depois, foi elaborado o parecer 12/97 do Conselho Nacional de Justiça, que elucida dúvidas sobre cursos e exames supletivos e outras, e o parecer 11/99, também do CNE, que aborda o objeto da portaria ministerial n.º 754/99, a qual dispõe sobre a prestação de exames supletivos pelos brasileiros residentes no Japão (BRASIL, 2002).

Após a LDBEN, vieram a Resolução CNE/CEB nº 1, de 5 de julho de 2000, e o parecer 11/2000, tratando das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. As diretrizes devem considerar o perfil dos alunos e sua faixa etária de modo a assegurar equidade e respeito às diferenças.

Equidade: distribuição específica dos componentes curriculares, a fim de propiciar um patamar igualitário de formação e restabelecer a igualdade de direitos e de oportunidades em face do direito à educação; diferença: identificação e reconhecimento da alteridade própria e inseparável dos jovens e dos adultos em seu processo formativo, da valorização do mérito de cada um e do desenvolvimento de seus conhecimentos e valores (BRASIL, 2002, p. 17).

A 5ª Conferência Internacional sobre Educação de Jovens e Adultos (Confinteia) realizada em Hamburgo, na Alemanha, em 1997, foi um marco importante para a efetivação de um pensamento pedagógico que tinha como objetivo:

[...] elaborar e implementar currículos flexíveis, diversificados e participativos, que sejam também definidos a partir das necessidades e dos interesses do

grupo, de modo a levar em consideração sua realidade sociocultural, científica e tecnológica e reconhecer seu saber (BRASIL, 2002, p. 18-19).

Nessa conferência foram definidos quatro pilares para o ensino na Educação de Jovens e Adultos, que são: aprender a ser, aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a conviver. Esta é a base das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, lançada em 2000, e da proposta curricular de 2002, cujas funções são:

FUNÇÃO REPARADORA: oportunidade concreta para Adolescentes, Jovens, Adultos e Idosos frequentarem a escola, atendendo as especificidades socioculturais que apresentam, recuperando o direito que lhes foi negado à escolarização na idade própria, possibilitando-lhes, assim, ao acesso aos direitos civis; **FUNÇÃO EQUALIZADORA:** possibilita maiores oportunidades de restabelecimento da trajetória escolar, oportunizando equidade à inserção social; e **FUNÇÃO QUALIFICADORA:** possibilidade de construção de sujeitos autônomos, com condições de buscar formação ao longo da vida (BRASIL, 2002, p. 18).

O processo de funcionamento da EJA em Sergipe deu-se a partir do parecer 44/73 do Conselho Estadual de Educação (CEE/SE), que normatizou o curso supletivo das quatro primeiras séries do Ensino Fundamental. Por meio da resolução 48/77 CEE/SE, instituiu-se as regras para os exames supletivos. Em 1983, o parecer de n.º 008/83 CEE/SE autorizou o funcionamento do Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral). De 1982 a 1994 existiu o Programa Supletivo do 1º grau, que era transmitido no rádio. Esse programa recebeu outros nomes ao longo do tempo, como Aceleração, Etapas e o Supleti-

vo 2000. A partir dos anos 2000, a educação para adultos no Brasil ganhou nova configuração com as Diretrizes Curriculares Nacionais. Em Sergipe, foi instituído o parecer 78/2000 com as novas normas, as quais estabeleceram o ensino da EJA de forma seriada e instituíram os exames supletivos (ALMEIDA, 2012).

A Resolução n.º 2, de 28 de maio de 2013, passou a estabelecer as diretrizes para o funcionamento da EJA nas instituições educacionais pertencentes ao Sistema de Ensino do Estado de Sergipe e continua vigente. As normas abrangem os cursos ofertados, tanto pelo poder público, quanto pelas instituições privadas de ensino fundamental e/ou médio e exames ofertados pelo poder público estadual.

Em Sergipe, segundo Almeida (2012), a EJA encontrava-se em funcionamento nos 75 municípios do estado, ofertada pela rede estadual ou/e municipal da alfabetização ao ensino médio. Algumas instituições privadas como ONGs, o sistema S (Senai, Sesi, Sesc) e outras oferecem a educação para adultos desde a alfabetização até o ensino técnico, absorvendo uma demanda menor que o sistema público de ensino. (ALMEIDA, 2012).

Além da Educação para Jovens e Adultos, existem, no momento, outros programas funcionando no estado, em parceria com o governo federal, como o Programa de Alfabetização Sergipe Ama e os Programas que atendem os jovens da cidade e do campo com cursos profissionalizantes, o Projovem Urbano e o Projovem Campo.

Segundo a Resolução do Conselho Estadual de Educação, os princípios do ensino na EJA no estado de Sergipe são o respeito às

condições sociais e econômicas, ao perfil cultural e aos conhecimentos dos estudantes, com o objetivo do exercício da cidadania; a formação para a vida e para o mundo do trabalho. São matriculados nos cursos da EJA, alunos com 15 anos completos para o ensino fundamental e 18 anos para o ensino médio, que funcionam no período diurno e noturno em regime presencial. A política educacional estatal deve assegurar ao aluno da EJA o acesso, mas também a sua permanência no sistema de ensino (RES. 2 CEE, 28/05/2013).

1.2 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A História como disciplina escolar surgiu no século XVIII na França, como reivindicação da burguesia por uma educação pública, gratuita, leiga e obrigatória. Mas foram os positivistas no século XIX que legitimaram o campo de atuação e o método do conhecimento histórico. No Brasil, a sua primeira implantação foi no Colégio Pedro II, instalado em 1837, na capital do Império, e a história ensinada era vista como a verdadeira história da civilização (SCHMIDT; CAINELLI, 2004).

Segundo Circe Bittencourt (1997), a partir dos anos 1860, a História do Brasil foi incorporada aos currículos, tanto do ensino primário, quanto das escolas secundárias. Schmidt e Cainelli (2004) asseguram que os principais conteúdos de História do Brasil tinham como objetivo a constituição e a formação da nacionalidade, com seus heróis e marcos históricos, sendo a pátria o principal personagem deste tipo de ensino.

Após a Lei 5.692/71, o ensino de História ficou restrito ao segundo grau, enquanto ao primeiro grau foram reservados os estudos sociais. A partir dos anos de 1980, o ensino de História passou a ser problematizado quanto aos conteúdos, metodologias, uso do livro didático e as finalidades de seu ensino. Essas discussões levaram à reestruturação curricular do ensino de História no tocante aos seus conteúdos e métodos (SCHMIDT; CAINELLI, 2004). A ideia era colocar o professor e o aluno como sujeitos da história e produtores do conhecimento histórico, como afirmam as pesquisadoras:

Assim, a década de 1980 foi marcada pelos debates acerca das questões sobre a retomada da disciplina história como espaço para um ensino crítico, centrado em discussões sobre temáticas relacionadas com o cotidiano do aluno, seu trabalho e sua historicidade. O objetivo era recuperar o aluno como sujeito produtor da História, e não como mero espectador de uma história já determinada, produzida pelos heroicos personagens dos livros didáticos (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p. 13).

Os anos de 1990 trouxeram a necessidade de acompanhamento dos currículos às novas demandas do mundo contemporâneo. Daí a criação de diretrizes nacionais de educação, em 1996, e dos parâmetros curriculares nacionais, em 1997. O objetivo era ter um referencial em conteúdos e metodologias para minimizar as diferenças no ensino do Brasil, documentos que continuam vigentes e normatizando o ensino de História no país.

A EJA, enquanto modalidade de ensino básico, consolidou-se com a LDB em 1996 e teve como marco importante o parecer CNE/CEB 11/2000, que a considerou modalidade específica de educação

e, portanto, deve “estabelecer processos e tempos de ensino, bem como conteúdos e métodos que considerem o perfil do aluno, suas formas de relacionar-se com o conhecimento e de atuar e viver na sociedade” (BRASIL, 2000). Para isso, seria necessário elaborar uma proposta curricular da EJA adequada às necessidades do seu público.

No ano de 2002, foi realizada uma pesquisa pelo Ministério da Educação com professores e alunos da EJA das cinco regiões brasileiras para compor um perfil deste público e fornecer subsídios para a elaboração da Proposta Curricular da EJA³. Alguns dados obtidos a partir das entrevistas com professores de História merecem atenção, entre eles:

63% dos professores consultados de história trabalham um programa de história do Brasil e do mundo de forma linear, enquanto 37% trabalham conteúdos de Brasil e do mundo, procurando estimular o aluno a compreender os problemas contemporâneos, para um posicionamento diante da realidade. Alguns professores mencionam a possibilidade de trabalhar com “o cotidiano, a história local e as questões regionais”, em uma postura fundamental para procurar valorizar as culturas dos alunos e orientá-los na busca de suas identidades. As respostas expressam uma forte intenção de levar em conta conhecimentos prévios dos alunos ao elaborar os planos de ensino, mas tais discursos nem sempre se concretizam na

3 A Coeja organizou uma consulta, no primeiro semestre de 2001, envolvendo secretarias estaduais e municipais de educação que promovem a EJA. A Coeja recebeu um total de 1.075 questionários de professores e 2.020 questionários de alunos, além dos instrumentos preenchidos pelas secretarias de educação. Do total de instrumentos tabulados, 35% eram do Nordeste, 24% do Norte, 19% do Centro-Oeste, 15% do Sudeste e 7% do Sul (BRASIL, 2002).

prática, pois na maioria dos programas apresentados pelos professores transparece uma visão de ensino de História factual e linear no tempo. 57% usam livro didático; 17% utilizam apostilas elaboradas por instituições públicas; alguns também indicam o uso de textos diversos e/ou textos elaborados pelo professor; outros dizem trabalhar com filmes, vídeos, jornais, mapas, gravuras etc.; apenas 6% usam computador com seus alunos de EJA. Observou-se que a maioria dos professores alega conhecer os PCN, porém suas práticas não condizem com os pressupostos dessa proposta. Isso se evidenciou na comparação dos programas que efetivamente ministram com as justificativas escritas após a seleção dos conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais (BRASIL, 2002, p. 61-63).

Apesar de já haver transcorrido 16 anos desde essa consulta, percebe-se, pelas discussões mais recentes no campo do ensino de História, que houve poucos avanços. A história continua sendo ensinada, na maioria dos casos, de forma factual e linear, distante do cotidiano do aluno, tendo o livro didático como principal recurso pedagógico. A intenção aqui é fazer uma discussão sobre o ensino de história na EJA e suas características, considerando todas as peculiaridades desse público.

O processo educacional de jovens e adultos deve levar em consideração toda a carga de vivências e experiências trazidas por eles. Outro fator a ser considerado quando se fala da EJA é a relação no mesmo espaço – a sala de aula – de sujeitos de diferentes gerações. Essa diversidade proporciona uma variedade de possibilidades de atividades pedagógicas aproveitando as individualidades que não

podem ser tratadas como “identidade única e não pensadas em termos e perspectivas de história lineares, abordagens que invisibilizam suas experiências historicamente construídas” (SANTIAGO, 2016, p. 59).

Essa modalidade é responsável pelo atendimento de um alto número de brasileiros que ainda necessitam ser escolarizados. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, o Brasil possuía 12.893.141 milhões de pessoas com 15 anos ou mais na condição de analfabetas. Outro ponto importante a considerar é o perfil racial do alunado da EJA, como aponta a professora Joana Passos:

A significativa presença de estudantes negros na modalidade Educação de Jovens e Adultos, em âmbito nacional (56%) e municipal (35,3%), em Florianópolis, referente ao ano de 2009, é reveladora da persistência do racismo na sociedade brasileira e das contínuas desigualdades e interdições nos percursos escolares de crianças e jovens negros. A forte presença de jovens negros na EJA vem acompanhada da necessidade de mudanças significativas na cultura pedagógica dessa modalidade. Seus valores, conhecimentos, atitudes e expectativas não coincidem, na maioria das vezes, com a cultura escolar e, em particular, com a proposta pedagógica que os programas ou cursos se propõem a desenvolver. Esse fato exige repensar as propostas pedagógicas, considerando as peculiaridades do público jovem e negro (PASSOS, 2010, p. 284).

Por diversos motivos, o aluno da EJA deixa de frequentar a escola, entre eles estão a migração, a reprovação, o trabalho, a gravidez precoce e o casamento. Para atrair e segurar esse aluno, é necessário

pensar uma proposta pedagógica que leve em consideração os seus saberes e suas histórias de vida. Estabelecer a relação entre o currículo, acompanhamento pedagógico e prática docente é fundamental para o sucesso escolar de um público marcado por vários estigmas. Segundo André Chervel (1990, p. 185), “o papel da escola não se limita ao ensino das disciplinas escolares, ou seja, negação da escola como puro e simples agente de transmissão de saberes elaborados fora dela. Os conteúdos de ensino são impostos como tais à escola pela sociedade que a rodeia e pela cultura que a banha”.

Alguns equívocos ocorrem quando se trata do ensino para jovens e adultos. O mais comum é utilizar o ensino regular no seu formato mais sintético como modelo a ser aplicado na EJA. Nesta direção, Berger aponta:

As dificuldades de compreensão das especificidades desta modalidade têm levado à busca do ensino regular como formato a ser aplicado na EJA em uma configuração resumida do ensino fundamental ou médio, onde o jovem e o adulto são vistos, como se fossem crianças. Ou seja, se considera que uma vez não tendo realizado as séries da educação básica na época adequada, os alunos da EJA, entendidos como “atrasados”, deveriam ter acesso aos mesmos conteúdos, porém compactados, sem levar em consideração, os seus objetivos específicos (BERGER, 2009, p. 28).

Nas últimas décadas vem acontecendo um movimento para repensar o ensino de história e suas metodologias. Uma das possibilidades é o trabalho com fontes históricas como estratégia de aprendizagem da História em sala de aula na educação básica. Algumas dificuldades se apresentam quando pensamos no ensino de História,

uma delas é em qual medida não tornar esse ensino descontextualizado e fragmentado da história global. Um caminho possível é estabelecer uma conexão entre a história local e a global, a partir do contexto social e multicultural.

O profissional da História em sala de aula deve estar atento para essa lacuna presente no currículo das escolas. A história local geralmente é deixada em segundo plano em nome da história global e o professor tem papel fundamental na inversão dessa ordem. Há, nos dias atuais, uma preocupação dos historiadores e professores em dar vozes a sujeitos até então invisíveis, aproximando o ensino de História da vida dos alunos da educação básica.

Uma forma de oferecer um ensino de História próximo à realidade do aluno é por meio da memória individual e coletiva, permitindo dar vozes aos seres comuns, “cujas ações passadas dão sentido às práticas individuais e coletivas presentes na sociedade”, segundo Figueira e Miranda (2012). A memória aqui é entendida como ferramenta importante na construção da identidade, já que esta confere sentido às nossas vivências. A respeito disso, as autoras dissertam:

Mais recentemente, a historiografia passou a considerar a memória individual ou mesmo de grupos sociais como um recurso valiosíssimo para a reconstituição de histórias de vida. Nessa perspectiva, a memória é vista como fonte de conhecimento que possibilita uma reinterpretação do passado das sociedades humanas em que coexistem múltiplas visões e percepções da vivência coletiva. Seu resgate e (re) interpretação permitem outras possibilidades de leitura do campo social e histórico das comunidades humanas (FIGUEIRA; MIRANDA, 2012, p. 56).

As universidades e os cursos de licenciatura devem repensar a formação do professor. É preciso estimular o futuro profissional da educação a conhecer o ambiente escolar e lidar com as suas problemáticas, desde o início do curso, fazendo destas o seu objeto de investigação ao longo da sua trajetória. A professora Gabriela Siqueira chegou à seguinte conclusão, ao vivenciar uma experiência de ensino durante o estágio supervisionado na Escola Estadual Desembargador Régulo Tinoco, na cidade de Natal (RN):

A pesquisa na docência auxilia o futuro professor a tentar ser diferente, tentar ser empolgante, “tentar” os alunos, levá-los à tentação de aprender História a partir de sua realidade, relacionando conceitos com o seu cotidiano, fazendo do seu ensino algo mais significativo, que contribua para o aprendizado desses alunos. Se o professor apenas ensina, ministra aulas, não está fazendo nada para modificar a realidade dos alunos. A pesquisa na docência tem esse papel, de possibilitar o professor contextualizar sua prática docente, sempre revendo-a, analisando-a, testando-a, contribuindo para a melhoria do aprendizado dos alunos e da própria prática docente do professor (SIQUEIRA, 2011, p. 38).

Pesquisas apontam que o perfil encontrado nas escolas brasileiras, em sua maioria, ainda é o de um professor expositor que tem como base das suas aulas os livros didáticos e que ministra conteúdos descontextualizados da realidade do público escolar. Ensinar História usando diferentes fontes históricas é oferecer ao aluno um ensino pautado na pesquisa e na produção de conhecimento. Uma possibilidade é a produção de fontes orais com a participação dos alunos, ação enriquecedora para o processo da educação histórica,

pois segundo a pesquisadora Selva Guimarães Fonseca:

O trabalho investigativo e interdisciplinar, a partir do cotidiano da criança e do jovem, por meio de fontes orais, ganha novas dimensões, na medida em que possibilita a problematização e a reflexão sobre a realidade que o cerca. Os alunos são motivados a levantar os testemunhos vivos, as evidências orais da história do lugar, buscando explicações: por que esta situação é assim? Por que isto mudou e aquilo permaneceu? As interrogações sobre o local em que vivem podem levar à busca de sentido, à compreensão do próximo e do distante, no espaço e no tempo. A História tem o papel de auxiliar o aluno na busca de sentidos para as construções e reconstruções históricas. Espaço e tempo não são duas categorias abstratas, mas preenchidas de historicidade (GUIMARÃES FONSECA, 2006, p. 137).

O ensino de História para alunos da Educação de Jovens e Adultos deve subsidiar o aluno quanto a condições de conhecer a sua história e do seu lugar e ser capaz de fazer uma reflexão crítica a respeito dessa história. O educador tem o papel de aguçar a capacidade criativa de seu alunado, como aponta Paulo Freire:

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes (FREIRE, 1996, p. 28).

Em Sergipe, a Resolução n.º 2/13 do CEE/SE prevê como base para o currículo da EJA “a pluralidade sociocultural dos estudantes,

assegurando a todos o direito aos conhecimentos sócio-históricos e científicos construídos pela humanidade” (SERGIPE, 2013). Este também deve propagar “os valores fundamentais de interesse social, assim como, dos direitos e deveres dos cidadãos, do respeito ao bem comum e à ordem democrática, da orientação para o trabalho e da promoção de práticas educativas formais e não formais”. O artigo 15, inciso 1º da Resolução n.º 2/13, coloca como referência para o currículo levar em consideração as características da cultura local e da clientela, o que é muito importante no ensino da EJA. Os alunos que chegam à EJA estão vindos de trajetórias de vidas muito ricas em informações que devem ser exploradas em sala de aula. Em outro artigo, a Resolução acima trata da importância da adequação dos conteúdos escolares a diferentes realidades.

A Resolução n.º 2/13 coloca o ensino de História como um dos componentes obrigatórios no currículo da EJA em nível fundamental e médio. O ensino de História do Brasil deve considerar as contribuições das diversas etnias e culturas que contribuíram para a formação do povo brasileiro, em especial, as de origens indígenas, africanas e europeias.

1.3 O USO DA HISTÓRIA ORAL NO ENSINO DE HISTÓRIA

A história oral é um campo que vem se consolidando desde a década de 1970, quando da criação do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), uma iniciativa da Fundação Ford juntamente com a Fundação Getúlio Vargas, com o objetivo de criar um arquivo de documentos orais sobre a política

brasileira. Somente no final da década, é que surgiram estudos a partir de entrevistas de exilados políticos que retornaram ao país. Foi após os anos 80, que ocorreu uma expansão das pesquisas utilizando a fonte oral (GUARIZA, 2014).

No ensino de História, somente em 1999, com os Parâmetros Curriculares Nacionais, é que apareceu pela primeira vez a orientação para o trabalho com fontes orais com alunos do ensino fundamental. Segundo Nádia Guariza (2014), que fez um estudo das produções sobre o tema em revistas acadêmicas até o ano de 2007, o número de produções era tímido.

Entretanto, neste campo, alguns trabalhos servem como referência para futuras experiências com o uso das fontes orais no ensino de História. É o caso do trabalho *As Contribuições da História Oral no Ensino de História*, de Krislaine da Cruz de Campos. Trata-se de um relato de experiência de um projeto de resgate da história local por meio da memória e da oralidade, desenvolvido na escola municipal Filho do Mineiro, no bairro Metropol, de Criciúma/SC, com as turmas de 8º anos 1 e 2. O objetivo foi resgatar a história do bairro, que antes tinha sido uma vila de operários em torno de uma carbonífera, a qual andava esquecida pelos moradores e vizinhos dessa comunidade. Neste caso, o trabalho com a história oral possibilitou uma aproximação dos alunos com essa história, que tem início como vila operária e com a memória do carvão que ainda está muito presente nesta região. O projeto evidenciou que “a partir do tempo presente, a realidade dos alunos, do seu cotidiano, pôde relacionar os conteúdos programáticos, ainda que muitas vezes de forma

linear, com o seu dia a dia” (CAMPOS, 2015). Para isso, a professora valorizou e sistematizou o conhecimento que o aluno já adquiriu ao longo dos anos em sua comunidade.

Outra experiência nesse campo foi a pesquisa de Gabriela Fernandes de Siqueira, intitulada *O Uso da História Oral no Ensino de História: uma Experiência na Escola Estadual Desembargador Régulo Tinoco*, aplicada no 9º ano do ensino fundamental, que buscou analisar se a história oral poderia contribuir no processo de ensino-aprendizagem (SIQUEIRA, 2011). Aproveitando o espaço enorme que a oralidade ocupa na vida dos alunos, a professora acreditou que um projeto de história oral seria um bom caminho para promover a aprendizagem e uma oportunidade para serem produtores do próprio conhecimento histórico. Ao final, ela percebeu que estes ampliaram a noção que tinham de documento e tornaram-se mais curiosos e interessados pela história.

Ainda nesta linha, temos o estudo de Bianca Liz Possebom Franco e de Maria Auxiliadora Schmidt, que tem como proposta o uso da história oral nas aulas de História, por meio do Projeto História Oral e Aprendizagem Histórica: uma Experiência com a História das Mulheres do Bairro Jardim Cruzeiro, em São José dos Pinhais, região metropolitana de Curitiba. A pesquisa foi aplicada no Colégio Estadual Juscelino Kubitschek, com alunos do 6º ano.

O objetivo foi levar o aluno a se interessar pela história de sua comunidade, de sua escola, revisitar a história através da memória de sujeitos que participaram de sua construção [...] no processo ensino-aprendizagem, fornecendo subsídios para a utilização de metodologias da história local e da história oral em

sala de aula (FRANCO, 2014, p. 2).

Para o alcance de tal proposta, os alunos selecionaram moradores antigos do bairro para entrevistá-los. Ao final, os alunos perceberam a importância das memórias e descobriram que cada ser carrega consigo uma historicidade que o faz ser único, contribuindo, assim, para a formação da identidade individual (FRANCO, 2014).

Outro trabalho importante como referência é *O Silêncio é de Ouro e a Palavra é de Prata? Considerações Acerca do Espaço da Oralidade em Educação de Jovens e Adultos*, de Janine Fontes de Souza e Kátia Maria Santos Mota, o qual discute “que espaço é destinado à oralidade na pedagogia de EJA? Que aspectos da oralidade são tomados como ensináveis? [...] Até que ponto o discurso pedagógico promove ou reprime o diálogo – interação?” (SOUZA; MOTA, 2007). Como conclusão, as autoras constataram que o ensino nas turmas da EJA privilegia as atividades de letramento, ler e escrever, enquanto que a oralidade não é valorizada enquanto recurso de aprendizagem. Mesmo tratando-se de jovens e adultos, que, na maioria das vezes, possuem uma boa desenvoltura oral, essa qualidade é menosprezada e até mesmo chega a ser tolhida.

A obra *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*, de Éclea Bosi (1994), é uma obra importante para o trabalho com memórias. A autora conseguiu captar, por meio de entrevistas com idosos acima dos 70 anos, fatos da história do Brasil na primeira metade do século XX, como o cotidiano do trabalho em São Paulo, participação política, imigração, industrialização, entre outros, frutos de uma memória individual representativa de uma comunidade que viveu

nessa cidade, nesse período.

A obra “É Como se Tivesse a Roça e Faltasse a Enxada”: Formação em Serviço de Professores de História em Áreas Interiores, de Paulo Heimar Souto, é referência nesse campo, devido ao fato de o autor usar a metodologia da história oral e o gênero narrativo histórias de vida com o intuito de visualizar as trajetórias de vida dos professores egressos do curso de História do Programa de Qualificação Docente da UFS, antes e depois da formação no programa. Segundo Souto, esse trabalho possibilitou “assegurar que a voz dos docentes seja ouvida e compreendida, através de seus depoimentos sobre realidades ainda não investigadas, foi um fator significativo que impulsionou a tentativa de reconstituir a leitura desse novo mundo [...]” (SOUTO, 2015).

Selva Guimarães Fonseca, em seu artigo História Local e Fontes Oraís: uma Reflexão Sobre Saberes e Práticas de Ensino de História, traz, a partir da literatura na área, diferentes possibilidades de trabalho com história local e fontes orais como estratégia de aprendizagem da História na educação básica. Ela chama a atenção para a “pedagogia da memória”.

A memória das pessoas, da localidade, dos trabalhos, das profissões, das festas, dos costumes, da cultura, das práticas políticas, está viva entre nós. Nós, professores, temos o papel de, juntos com os alunos, auscultarmos o pulsar da comunidade, registrá-lo, produzir reflexões e transmiti-lo a outros. A escola e as aulas de História são lugares de memória, da história recente, imediata e distante (FONSECA, 2006, p. 127).

A relevância do ensino de história por meio das histórias de vida

dos alunos dá-se ao lhes possibilitar identificar o passado como parte de sua vivência no presente. Proporciona a pessoas comuns perceberem-se como sujeitos de histórias que se relacionam a outros grupos sociais em diferentes espacialidades. Circe Bittencourt salienta a importância da memória nesse processo de constituição da história do seu lugar e da identidade:

A questão da memória impõe-se por ser a base da identidade, e é pela memória que se chega à história local. Além da memória das pessoas, escrita ou recuperada pela oralidade, existem os “lugares de memória”, expressos por monumentos, praças, edifícios públicos ou privados, mas preservados como patrimônio histórico. Os vestígios do passado de todo e qualquer lugar, de pessoas e de coisas, de paisagens naturais ou construídas tornam-se objeto de estudo (BITTENCOURT, 2004, p. 169).

As educadoras Janine Souza e Kátia Mota dedicaram-se a fazer um trabalho para pensar acerca do espaço da oralidade em educação de jovens e adultos e chegaram à seguinte conclusão: “essa dimensão social do discurso, manifestada pela fala individual, muito raramente é reconhecida pela escola”. Segundo as autoras, a escola e suas práticas estão preocupadas, principalmente com “atividades estritamente pedagógicas” que ignoram as “trajetórias pessoais dos seus protagonistas” (SOUZA; MOTA, 2007).

No mundo letrado em que vivemos, os oradores que não dominam a grafia sofrem preconceitos e discriminações, muitas vezes levando esses indivíduos a sentirem-se inferiores. Outro erro recorrente nas salas de aula é a correção da fala dos alunos, fazendo-os

acreditar na sua incompetência comunicativa e resultando em silenciamentos.

Nos capítulos seguintes, será apresentada uma proposta para o ensino de História desenvolvido na Emef Oviêdo Teixeira com alunos da EJA, que traz à tona as vozes dos sujeitos que estão na escola munidos de uma carga de conhecimentos sobre o mundo vivido por eles. Para compreender que mundo é esse, faz-se importante conhecer o seu lócus de vivência e o perfil desse alunado, assim como o aparato pedagógico que ampara esse ensino.

CAPÍTULO 2

ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): EMEF OVIÊDO TEIXEIRA – ARACAJU/SE

2.1 LÓCUS: ESCOLA MUNICIPAL OVIÊDO TEIXEIRA

Figura 1 – Fachada da escola



Fonte: Acervo da autora, 2017.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Oviêdo Teixeira foi fundada no ano 2002 pelo Governo Municipal de Aracaju, atendendo a reivindicações dos moradores do bairro Olaria. A Escola teve autorização para funcionamento por meio da Resolução número 186/2012/CONME, sendo seu regimento homologado mediante a Resolução número 185/2012/CONMEA, emitida pelo Conselho Municipal de Educação de Aracaju (SEMED, 2020).

A instituição escolar funciona em um prédio com 22 salas de aula, ofertando Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano, atendendo em 2019 em torno de 1.387 alunos, nos três turnos. A EJA acontece no turno noturno, atendendo turmas do Programa de Aceleração de Jo-

vens e Adultos (Paeja), nos ciclos iniciais que correspondem do 1º ao 5º ano e turmas da 1ª à 4ª etapa da 2ª Fase do Ensino Fundamental, que correspondem do 6º ao 9º ano (SEMED, 2020).

A faixa etária dos discentes está entre seis e 17 anos, no período diurno, e entre 15 e 54, no noturno. Dentre estes, a maioria é de pardos e negros. De acordo com o censo escolar de 2019 foram aprovados 929 estudantes (66,97%), reprovados 159 (11,46%), transferidos 113 (8,14%), em situação de evasão 77 (5,55%) e em curso de andamento no Paeja e Projeto 109 (7,88%) (SEMED, 2020).

O prédio escolar é composto de uma sala de secretaria, de direção, de professores, de apoio pedagógico, uma biblioteca, um laboratório de informática, quadra esportiva, cozinha, depósito, refeitório e banheiros. A equipe escolar é composta por 76 professores, sendo 53 efetivos e 23 contratados, um Diretor Geral, um Coordenador Administrativo, dois Coordenadores Pedagógicos e um Secretário. O quadro de funcionários possui dois auxiliares de apoio administrativo que auxiliam na portaria, um agente administrativo e um agente de limpeza efetivo; sete funcionários para os serviços de limpeza; três cuidadores no turno matutino, dois cuidadores no vespertino e um intérprete, todos terceirizados (SEMED, 2020).

Figura 2 – Infraestrutura interna da Emef Oviêdo Teixeira, Hall de circulação



Fonte: Acervo da escola, 2017.

A Secretaria Municipal de Ensino de Aracaju disponibiliza uma verba anual denominada de Programa de Transferência de Recursos Financeiros Diretamente às Unidades Escolares da Rede Pública Municipal (Profim), para fins de compra de material de consumo e serviços. Outros recursos provenientes do Programa de Desenvolvimento da Escola (PDE), por meio do MEC/FNDE, enviados esporadicamente pelo governo federal, já foram aplicados na instituição nos anos de 2012 e 2018 (SEMED,2020).

Figura 3 – Interior de sala de aula da Emef Oviêdo Teixeira



Fonte: Acervo da escola, 2017.

O loteamento São Carlos conta com serviços públicos de infraestrutura, como ruas calçadas, serviços de água, energia elétrica e telefonia. Há duas escolas na comunidade, uma municipal e outra estadual, que atende o ensino infantil e o ensino fundamental. No entanto, não há nenhuma escola de ensino médio, fazendo com que a população precise se deslocar para outros bairros, dificultando o acesso dos moradores a este nível de ensino. A comunidade tem ao seu dispor apenas um posto de saúde, que não é suficiente para a demanda local.

No bairro, quase não existem locais de lazer. A população conta apenas com um espaço onde funciona a associação de moradores para reuniões e encontros comunitários. Quanto a serviços, o bairro conta com lojas comerciais, mercearias, supermercados, bares, lanchonetes, farmácias, entre serviços. Por fazer divisa com o município de Nossa Senhora do Socorro, os seus moradores usufruem de vários serviços do bairro vizinho, inclusive dos serviços públicos de saúde e educação.

Portanto, o lugar da escola trata-se de área carente afetada por vários problemas de ordem econômica e social. A clientela da escola é muito diversa em sua origem, muitos são provenientes de outros bairros periféricos, outros vieram de cidades do interior sergipano ou até mesmo de outros estados, em busca de emprego e melhoria da qualidade de vida. A maior parte dos pais tem ensino fundamental incompleto e trabalha no mercado informal com renda média de um salário mínimo.

2.2 PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA EMEF OVIÊDO TEIXEIRA

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da Emef Oviêdo Teixeira coloca como missão da instituição a formação de cidadãos conscientes e comprometidos com o desenvolvimento e transformação social. O objetivo da escola é oferecer ao aluno uma educação de qualidade que o prepare para o trabalho e o exercício consciente da cidadania.

O PPP da Emef Oviêdo Teixeira demonstra uma preocupação em oferecer uma educação que considere os interesses e necessidades da comunidade escolar. O conhecimento adquirido na escola pelo aluno deve desenvolver capacidades e aprendizagens de conteúdos necessários à vida em sociedade.

[...] a Escola Municipal de Ensino Fundamental (E.M.E.F) “Oviêdo Teixeira” toma a educação como uma dinâmica organizativa dos saberes e das formas de interação das pessoas com o meio social no qual atuam [...] Cabe destacar que, quando o fazer pedagógico desloca seu eixo central para a criança e o estudante, a cidadania também ganha contorno especial na proposta da instituição. (SEMED, 2020).

A proposta curricular dos Cadernos Pedagógicos para o ensino infantil e fundamental das escolas da rede municipal de Aracaju foi pensada a partir da Base Nacional Comum Curricular e do Currículo de Sergipe. O Projeto Pedagógico da Emef Oviêdo Teixeira está amparado nas diretrizes presentes nestes documentos, que buscam um ensino baseado no desenvolvimento de habilidades e competências.

Entre os princípios didáticos pedagógicos do PPP estão: abordagem de temas sociais no desenvolvimento dos conteúdos; valorização das iniciativas dos alunos; desenvolvimento de atividades diversificadas e atraentes; interação escola/comunidade; valorização e estimulação da atitude investigadora na construção do conhecimento.

Segundo o PPP da Emef Oviêdo Teixeira, o processo de ensino-aprendizagem deve permitir ao aluno estabelecer relações entre o cotidiano e o científico, o racional e o afetivo, o público e o privado, o individual e o coletivo. O currículo deve ser motivador, visando a uma aprendizagem mais efetiva. O PPP traz como base do trabalho pedagógico a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade, que devem se traduzir em projetos que “priorizem atitudes e hábitos de indagação, interpretação, pesquisa e síntese”.

O Projeto Político Pedagógico da Emef Oviêdo Teixeira, alinhado aos preceitos dos documentos norteadores, traz diretrizes pedagógicas para a área de Ciências Humanas na EJA nos campos de ações, tempo, metodologia, recursos e avaliação. Entre as ações estão:

- Compreender que as histórias individuais são partes integrantes de histórias coletivas;
- Conhecer e respeitar o modo de vida de diferentes grupos, em diversos tempos e espaços;
- Questionar sua realidade, identificando problemas e possíveis soluções;

- Dominar procedimentos de pesquisas escolares e de produção de texto, aprendendo a observar e colher informações de diferentes paisagens e registros escritos, iconográficos, sonoros e materiais;
- Valorizar o patrimônio sociocultural e respeitar a diversidade social, considerando critérios éticos; Valorizar o direito de cidadania dos indivíduos, dos grupos e dos povos como condição de efetivo fortalecimento da democracia, mantendo-se o respeito às diferenças e a luta contra as desigualdades.

Como metodologias, sugere a leitura e análise de imagens, produção textual e artística (paródia, dramatização); apresentação de filmes e documentários, produção de mídias, visitas a exposições, bairros, parques, museus e espaços públicos.

As orientações sugeridas no PPP na área das Ciências Humanas encontram-se dentro dos preceitos mais recentes da discussão da metodologia do ensino de História para este grupo. A orientação para trabalhar os conteúdos históricos é partir das realidades atuais, problematizá-las e estudá-las na perspectiva histórica. O aluno é colocado em toda a proposta como protagonista, uma vez que são suas questões que vão direcionar o ensino de História em sala de aula.

2.3 ROTEIRO DE TRABALHO COM HISTÓRIA ORAL DE VIDA EM SALA DE AULA

O trabalho de história oral de vida foi realizado na Escola Municipal Oviêdo Teixeira com alunos da EJA, em que as memórias dos narradores/colaboradores foram tomadas como fontes históricas

para a construção de uma consciência histórica. Este estudo conecta-se com a Proposta Curricular da Secretaria Municipal de Educação, que orienta partir das histórias de vida dos discentes como forma de discutir questões atuais em dimensões históricas.

O trabalho desenvolvido aqui foi a partir da coleta de dados das entrevistas com alunos sobre as suas histórias de vida, utilizando procedimentos metodológicos da história oral. Trata-se de um trabalho que visa ser uma ferramenta de auxílio na prática pedagógica do professor em sala de aula.

Ao fazer a opção pelo trabalho com as histórias de vida em sala de aula, deve-se observar as peculiaridades metodológicas desse tipo de documento. Segundo Oliveira et al. (2012), “é importante que tenham em mente que não estarão lidando simplesmente com fontes orais e sim com pessoas dispostas a rememorar fatos de sua vida”. É preciso ter respeito e sensibilidade nessa relação com o entrevistado. A pesquisa foi realizada em etapas, baseadas na obra *História Oral*, como fazer, como pensar, de José Carlos Meihy e Fabíola Holanda (2011), como mostra no excerto abaixo:

História Oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas (MEIHY; HOLANDA, 2011, p. 15).

O primeiro passo foi construir um planejamento das atividades, segundo as orientações da obra de José Carlos Meihy e Fabíola Holanda (2011). O objetivo era desenvolver um trabalho com alunos da EJA que valorizasse as suas vivências por meio da oralidade. O gênero narrativo da história oral escolhido foi histórias de vida, nele o colaborador narra toda a sua história, do nascimento ao momento de vida atual. A escolha pelo trabalho com as temáticas: trajetória escolar, trabalho, migrações, vida privada e a relação com o lugar onde mora (moradia, saneamento básico, lazer, saúde, educação, segurança), deu-se por tratar de aspectos da vida dos discentes que interessavam à pesquisa para compreender como foram as suas experiências nesses campos.

Para a seleção dos narradores/colaboradores, utilizou-se como critérios a idade e a desenvoltura oral. Quanto à idade havia o interesse de perceber as diferenças geracionais, então, optou-se por colaboradores de idades variadas. Uma dificuldade encontrada nesse momento foi a inibição dos mais novos e o medo de serem expostos e julgados. Já quanto à oralidade, todos surpreenderam, mesmo aqueles que em sala de aula são bastante calados.

O tipo de entrevista usado nesse projeto foi de roteiro, baseando-se nas temáticas escolhidas. Segundo Meihy e Ribeiro (2011), “nas entrevistas de história oral de vida, as perguntas devem ser amplas, funcionar como estímulos, sempre colocadas em grandes blocos, de forma a dar liberdade de escolha dos fatos e impressões”. O passo seguinte foi elaborar um roteiro de perguntas para a coleta das entrevistas. Dentro das temáticas, foram elaboradas várias pergun-

tas para auxiliar o entrevistado, caso necessitasse.

No planejamento, deve constar também o local, a data, o período de duração, demais fatores que influenciem na coleta das entrevistas. No caso aqui relatado, essas ocorreram na escola em que os entrevistados estudam ou estudaram, no período noturno durante as férias escolares, em uma sala apropriada, com boa iluminação e silenciosa, e foram captadas por meio de uso de câmeras profissionais e celulares, com o auxílio de um cinegrafista.

Após o planejamento pronto, os colaboradores foram convidados para uma apresentação do projeto, mostrando todo o roteiro e a importância deles enquanto protagonistas deste trabalho. Também lhes foi informado sobre a necessidade da autorização para a gravação por meio de recurso audiovisual e para divulgação desse material.

Realizada a coleta das entrevistas, iniciou-se a fase da edição. Segundo Meihy e Ribeiro (2011), esta fase divide-se em três partes: transcrição, textualização e transcrição.⁴ Após a narrativa passar pelas três fases, é o momento da validação, que consiste na anuência do colaborador do texto final. Enfim, o trabalho foi finalizado e agora ele poderá servir à produção de conhecimento.

O material coletado passou por uma seleção de trechos que vi-

4 Transcrição é o ato de converter o conteúdo gravado na fita em um texto escrito. Nisso está contida a ideia de estabelecer uma cópia escrita perfeita e fiel da gravação *ipsis litteris*. A textualização é a preservação do texto em primeira pessoa e é reorganizado a partir de indicações cronológicas e/ou temáticas. E a transcrição é a elaboração de um texto recriado em sua plenitude. Com isso, afirma-se que há interferência do autor no texto; ele é refeito várias vezes e deve obedecer a acertos combinados com o colaborador.

sou adequar-se ao objetivo de produzir um material pedagógico para uso escolar. Os recortes foram feitos a partir das temáticas usadas para nortear as entrevistas e partes das narrativas que ressaltassem memórias positivas das vidas dos entrevistados. Visto que se trata de uma parcela de indivíduos que tiveram vidas muito difíceis, com passagens de abandono, violência, fome, gravidez na adolescência, preconceitos, a ideia é levar para os alunos momentos da vida que não lhes façam reviver sentimentos que desejam esquecer ou ainda que lhes causem constrangimentos ou estereotipação. Miguel Arroyo alerta sobre tal questão:

O trato da memória exige cuidados com os sentimentos tão diversos que pode provocar, tanto de orgulho como de melancolia nesse olhar das passagens. Cuidados pedagógicos com as reações que podem provocar nas crianças, nos jovens e nos adultos as lembranças dos lugares vividos, do peso das condições tão diversas e adversas (ARROYO, 2017, p. 202).

É importante salientar que se trata apenas de uma sugestão de projeto no campo da história oral com alunos da Educação de Jovens e Adultos, mas que pode ser estendido a demais modalidades de ensino. O professor tem autonomia para fazer uso desse material ou usar o roteiro para criar um novo acervo adaptado às suas aspirações e/ou necessidades didáticas.

A proposta de produzir um arquivo com trechos das memórias dos alunos da EJA e disponibilizá-lo como material didático tem como objetivo valorizar as lembranças dos sujeitos comuns que estão à margem do protagonismo histórico tradicional. A ideia é que, a partir desse material com histórias de pessoas comuns, o professor

possa realizar atividades diversas, por meio das quais pode abordar os modos de viver do passado, a vida escolar, as brincadeiras, a relação com os pais, os modos de se vestir, de trabalhar, mudanças e permanências do comportamento juvenil, diferenças entre gerações, o conceito de memória, o papel do idoso na sociedade, mudanças e permanências de mentalidades, entre outros.

Cresce o número de propostas educativas que apostam na importância formadora da redescoberta da memória. Uma memória colada às passagens vividas pelos sujeitos. Não reduzida às festas cívicas épicas, mas que privilegia as passagens da infância, da adolescência e da juventude e vida adulta misturadas com passagens de trabalho, de pobreza vivida com dignidade (ARROYO, 2017, p. 201).

A obra *A Docência em História*, de Carmem Zeli de Vargas Gil e Dóris Bittencourt Almeida (2012), disponibiliza várias sugestões de como trabalhar com memórias. Segundo as autoras, é ter em mãos um material muito rico para desenvolvimento de atividades variadas, a exemplo de oficina, rodas de conversa, produção de memorial, relato de narrativas, diários de campo, exposições, livro de memórias, álbum de memórias, entre outros.

O capítulo seguinte traz passagens das vidas dos narradores/co-laboradores e a proposição de um ensino de História a partir dessas vivências dos alunos da EJA, no turno noturno da Escola Municipal Oviêdo Teixeira, localizada no Conjunto São Carlos, Bairro Olaria, em Aracaju/SE.

CAPÍTULO 3

TRABALHANDO COM HISTÓRIA ORAL DE VIDA NO ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

No presente capítulo será apresentada uma proposta de atividades para o ensino de História amparadas nos dados coletados e em recortes feitos a partir de temáticas. Os jovens e adultos da EJA precisam ser reconhecidos como Sujeitos de conhecimento, que trazem da sua vida as experiências de migração, campo, cidade, trabalho, maternidade, entre outras. Podem não dominar os conhecimentos escolares, mas são memórias de um modo de viver de um grupo da sociedade. Segundo Souto (2015, p.43), “o registro das narrativas permite compreender o modo de ser do indivíduo e do contexto social vivido à luz de como o próprio sujeito concebeu suas experiências passadas”.

As lembranças dos alunos vêm carregadas de informações sobre os modos de viver de um grupo social que mora na periferia araca-juana e que nos mostra a sua trajetória, da sua família, e, também, da sua comunidade. São trajetórias marcadas por várias dificuldades, como trabalho infanto-juvenil, abandono dos genitores, baixa escolaridade familiar, evasão, desemprego, dependência química, violência sexual, gravidez na adolescência, trabalho informal, preconceito racial, violência doméstica, entre outras.

A relevância de conhecer as vivências desses sujeitos consiste na compreensão de quem são esses sujeitos que chegam à EJA, quais caminhos foram trilhados e o que eles buscam. São relatos marcados por características que permeiam as classes mais desfavorecidas que estudam na escola pública e moram na periferia.

O professor da EJA não pode eximir-se da responsabilidade de oferecer um ensino que leve o seu alunado a compreender esse processo de marginalização sofrido historicamente por eles e por seu coletivo. É preciso trazer à tona as trajetórias desses sujeitos para serem discutidas em sala de aula. Arroyo (2017, p. 53) ressalta “[...] que tais passageiros (estudantes da EJA) esperam ao menos que os conhecimentos e seus mestres lhes garantam seu direito a entender-se”.

3.1 HISTÓRIA ORAL DE VIDA

As entrevistas foram conduzidas a partir das temáticas como infância, trajetória escolar, trabalho, migrações, vida privada e a relação com o lugar onde mora (moradia, saneamento básico, lazer, saúde, educação, segurança). Procurou-se preservar, no texto, as características das narrativas de cada colaborador, a fim de ficar o mais próximo possível das suas falas. O volume de texto deve-se à quantidade de informações prestadas pelos entrevistados, alguns se mostraram mais desenvoltos do que outros. Como desdobramento desta pesquisa, foram apresentadas sugestões para o professor fazer uso das histórias de vida em sala de aula. Nas atividades, foram utiliza-

dos recortes das falas dos narradores para a elaboração das tarefas.

3.1.1 “O que sinto mais falta é não ter tido a oportunidade de ter estudado mais”

Paula nasceu em 1974, em Boquim, município sergipano. Residia na zona rural de Sergipe, aos sete anos era levada pelo pai para a roça para trabalhar no plantio da laranja, fumo e maracujá. E com 15 anos saiu da casa dos pais para trabalhar como doméstica em Aracaju para ajudá-los.

Apesar da vida difícil, Paula lembra com saudade das brincadeiras que fazia à noite junto aos seus irmãos e vizinhos, depois do trabalho e da escola, como pega-pega, esconde-esconde, jogo das pedrinhas, o que a faz ter a sensação de que a infância passou muito rápido, talvez pelo fato de ela trabalhar desde cedo e não ter tido muito tempo para brincar.

Paula, visivelmente emocionada, diz o que a deixa mais triste: o fato de ela não ter conseguido estudar mais, pois ela fez até a quarta série quando estava com 14 anos e parou, porque em seu lugar não havia escola para dar continuidade aos estudos. Seria necessário deslocar-se para a cidade e seu pai não tinha condição financeira para arcar com as despesas. Dos sete irmãos, segundo ela, somente dois concluíram o ensino médio. E seus pais são analfabetos, o pai sabe apenas escrever o nome e a mãe nem isso.

O que sinto mais falta é não ter tido a oportunidade de ter estudado mais. Porque parar na quarta série

é muito pouco. Eu sinto muito esse fato do meu pai não ter condição, para avançar nos estudos, precisaria ir para a cidade, isso mexe muito comigo (PAULA, 2018).

Paula relata que a sua trajetória escolar dos sete aos 14 anos foi marcada por reprovações e dificuldade para aprender, mas um dos fatores que pode ter influenciado é a falta constante para ir trabalhar na lavoura.

Na época, tinha dias que a gente tinha muito trabalho, a gente não ia para o colégio, meu pai dizia: “hoje vocês vão para o colégio ou não, vocês vão faltar porque que tem muito serviço”. A gente e a família que tinha de cuidar da roça do fumo. Eu tenho que fazer aquele processo todo de instalação, depois vai enrolar tudo, aí ele não deixava a gente ir para escola duas vezes na semana, geralmente era isso (PAULA, 2018).

Desde que Paula veio trabalhar em Aracaju, dos 16 anos até hoje, aos 43, sempre atuou como doméstica. No início, trabalhou muitos anos informalmente, sem carteira de trabalho assinada, somente quando foi para São Paulo teve seus direitos trabalhistas respeitados. No momento, encontra-se desempregada e viúva, com dois filhos menores para cuidar, sendo que o outro filho já é casado.

O sonho de Paula é formar-se em gastronomia e se inspira em outras histórias de superação de pessoas que, depois de vencerem vários obstáculos, conseguem concluir o ensino superior. Ela vê na educação, na escola, o caminho para alcançar o seu sonho e uma vida melhor.

Eu acho que a EJA e a escola é uma oportunidade e incentivo a terminar os estudos para quem quer estu-

dar, eu vejo um grande incentivo para acelerar, para a gente que já tinha a idade para terminar. O estudo facilita o trabalho, também ajuda muito para fazer um curso, eu acho que é só querer, ter força de vontade para estudar. Eu até que consegui me sair bem, eu não sou muito de faltar, não gostava de perder aula (PAULA, 2018).

Paula é mãe de três filhos e a sua maior preocupação é com a educação deles, deseja que eles tenham um futuro diferente do dela, que eles consigam se formar e ter uma boa profissão.

Fiquei com os filhos, já tinha esse menino de 19 anos, tive mais um menino e uma menina, o que eu posso dizer de minha dificuldade em criá-los é a educação para eles, eles sonham, falam de querer estudar e eu só incentivo, eu só falo para os meus filhos, que eles têm que querer mesmo o que eu não tive, eu quero que eles alcancem os objetivos que eles têm de se formarem e querer ser alguém (SANTOS, 2018).

A trajetória escolar de Paula até chegar à Educação de Jovens e Adultos foi marcada pelo trabalho árduo no campo, reprovações escolares, trabalho irregular como doméstica. Hoje, aos 43 anos, ela voltou à escola e a sonhar com a tão desejada formatura.

3.1.2 “Estude, minha filha para ser alguém na vida!”

Maria tem 31 anos, nasceu em Aracaju. Foi criada pela avó materna, porque sua mãe não quis criá-la, e conheceu seu pai quando já tinha 11 anos de idade. Só tem irmãos por parte do pai. O seu sonho de infância era ter os pais juntos ao seu lado.

Para Maria, a sua infância limita-se ao falecimento da sua avó/mãe quando ela estava com dez anos de idade. Recorda-se de frequentar a igreja evangélica com a sua avó e do incentivo desta em relação à escola, aconselhando-lhe sempre para estudar, mas, segundo a entrevistada, ela só queria brincar. Ela se lembra de suas brincadeiras com entusiasmo, como relata abaixo.

Eu gostava muito de brincar de boneca, brincávamos de boneca eu e uma colega da minha infância, minha avó deixava eu ir para a casa dela brincar de boneca, gostava, também, muito de jogar bola, o jogo era uma bolinha e um bastão na mão, eu não me lembro mais, mas eu gostava muito desse jogo, também gostava de jogar futebol na quadra do Colégio (MARIA, 2018).

Após o falecimento da sua avó, Maria ficou sob a guarda de sua mãe biológica, mas devido a maus tratos, ela foi encaminhada para o Conselho Tutelar e passou aos cuidados de uma tia materna que, segundo ela, não a zelava como deveria. A tia permitiu que ela comesse a namorar o seu vizinho, quando ela estava com doze anos e ele com vinte e um anos. Logo depois, Maria foi obrigada a ir morar com ele. Depois de dois anos de relacionamento, ela engravidou da primeira filha aos 14 anos.

A vida escolar de Maria é muito irregular, enquanto estava sob os cuidados da avó ela fez até a terceira série do ensino fundamental, aprendendo a ler e escrever. Depois passou um período fora da escola. Retornando, cursou mais um ano e parou de novo, devido ao fato de o seu companheiro sentir ciúmes. Ela, então, deu uma grande pausa e retornou mais uma vez à escola, agora mãe de três filhos e

no segundo casamento. E a dificuldade nesse momento era não ter com quem deixar seus filhos para poder ir às aulas. Deste modo, começava, mas sempre desistia. Retornou ano passado, mãe de quatro filhos e no terceiro casamento, e está cursando a 2ª etapa da 2ª Fase do ensino fundamental.

[...] agora com fé em Deus, agora eu termino, eu quero terminar, eu voltei, para os meus filhos se espelham em mim, entendeu? Estou estudando e eu quero que eles também estudem, eu quero ser alguma coisa na vida, eu quero ser uma doutora, eu quero ser uma médica, eu quero ser alguém na vida, eu creio que enquanto há vida, há esperança, então, eu quero ser alguém na vida (MARIA, 2018).

O primeiro trabalho de Maria foi aos 27 anos em uma fábrica, mas não ficou muito tempo. No momento, ela trabalha em uma empresa prestadora de serviços, atuando como agente de limpeza em um posto de saúde. Ela deseja para seus filhos um futuro promissor por meio da educação, espera vê-los formados. Identifica, como única dificuldade para criar quatro filhos, a questão financeira, porque, para ela, é muito difícil suprir as necessidades de todos. Diz não ter vivência comunitária, sua vida é trabalho, escola e casa. Não constata nenhum problema em seu bairro.

Maria teve uma vida difícil, rejeitada ao nascer e, aos dez anos, perdeu a avó que cuidava dela, uma nova rejeição por parte de sua mãe, uma gravidez na adolescência, todos esses fatores contribuíram para ela não conseguir estudar no tempo devido. Aos 31 anos, volta à escola com o intuito de ser exemplo para os quatro filhos e poder oferecer um futuro melhor a eles.

3.1.3 “O rap é uma poesia que a gente fala do dia a dia”

Pedro tem 19 anos, natural de Aracaju, filho único de um funcionário de empresa privada e de uma dona de casa. Ambos concluíram o antigo 1º grau. Pedro diz que se continua estudando é porque seus pais o incentivam, mostram-lhe a importância da educação para a conquista de uma vida melhor.

O bullying foi uma prática vivenciada pelo aluno Pedro durante os primeiros anos na escola, o qual atribui a violência sofrida ao fato de ter sido gordo e bastante dedicado aos estudos. E considera que este fator pode ter-lhe desmotivado em relação aos estudos, o que o levou a sucessivas reprovações, sendo convidado, então, a passar para a EJA, visto que se encontrava em defasagem idade/ano.

Eu acho que era porque como eu me sentia inferior, eles achavam que eu era inferior, aí abusavam disso. Tanto que se eu levantasse a cabeça e dissesse “Não, não sou inferior”, eu acho que eles não teriam feito aquilo porque eu não iria deixar, mas eu me rebaixava (PEDRO, 2018).

Apesar dos problemas na escola, ele foi feliz em sua infância e em suas brincadeiras na rua, soltando pipa e rodando pião. Ele também se sentia mais seguro naquela época do que agora.

Eu ainda consegui pegar aquela infância que não tinha violência, consegui brincar de pião, soltar pipa. Aquela infância era a melhor. As crianças de hoje em dia nunca vão saber como era aquilo, porque era a melhor de todas. A gente era tão feliz, mas não sabia, porque não aproveitava tanto. Se soubesse que era

daquele jeito e que iria ficar assim, a gente teria aproveitado mais, antes (PEDRO, 2018).

Pedro tem um talento para a música, ele gosta de rap, improvisa rimas para falar de amor, futebol, temas cotidianos, entre outros, mas sente o fato de ainda não ser reconhecido pela sua arte. Já tentou divulgar seu trabalho no YouTube, mas ainda não teve sucesso, restando a ele praticar na Igreja que frequenta. Ele fala ainda do preconceito que o gênero musical rap sofre na sociedade, “tem pessoas que, algumas, têm preconceito com o rap porque diz que é coisa de malandro, mas não é. O rap é uma poesia que a gente conta do dia a dia, vai montando as rimas e fala da sociedade, do mundo, do que a gente é” (PEDRO, 2018).

Pedro acabou de concluir a 1ª fase do Ensino Fundamental da Educação de Jovens e Adultos, ele considera que a EJA foi muito importante para o avanço dos estudos e tem como meta fazer um curso técnico após o término do ensino médio para trabalhar e custear sua faculdade.

Meu sonho vem do que eu quero me formar. Eu tenho três alternativas, vamos ver se uma dá certo. Eu queria ser rapper, porque com a música eu conseguiria espalhar mensagens para as pessoas, tipo a vida, o que se passa no mundo. Queria fazer Psicologia, para ajudar as pessoas também através da mente. Também queria ser educador físico, porque eu poderia ajudar as pessoas na saúde (PEDRO, 2018).

Para Pedro, o maior problema do bairro em que mora, o qual fica na periferia de Aracaju, é a violência. Cotidianamente, ele convive com o homicídio, drogas e armas. A sua família já foi atingida por

essa violência, seu primo foi mais uma vítima de homicídio causado pelo tráfico de drogas.

A falta de segurança, porque sempre que você olha para o lado, vai ter alguém morto, alguém com arma, alguém fumando e isso, alguns anos atrás, existia, mas era bem pouco. Eu queria que voltasse aquela época, hoje em dia, uma pessoa briga com a outra, já quer matar, já quer cortar, isso não é certo. Eu mudaria isso (PEDRO, 2018).

Pedro, apesar das adversidades do meio e de ter sofrido violência psicológica e física na escola, continuou acreditando no poder de transformação da educação, o que ele atribui aos seus pais, grandes incentivadores para que ele estude e possa, assim, conquistar uma vida melhor. O seu sonho é ajudar pessoas, seja com a música, a Psicologia ou a Educação Física.

3.1.4 “Aquela nega preta venceu na vida”

Claudia nasceu em Aracaju, em 1979. Ela e mais cinco irmãos foram abandonados por sua mãe ainda bem pequenos. Seu pai, então, contou com a ajuda da mãe dele para cuidar das crianças. Claudia, aos oito anos de idade, teve sua infância interrompida pelo trabalho doméstico em casa de família. E foi sua avó que deu a menina para ir trabalhar na casa de uma família.

[...] “eu dou ela para trabalhar na sua casa”, aí eu fui, até hoje existe essa casa na rua de Laranjeiras, já para chegar no calçadão, era do lado direito, aí eu comecei toda estranha com saudade dos meus irmãos que a

gente nunca se afastou, nós éramos próximos, aí ficou difícil, eles me tratavam bem, mas, eu não comia, não dormia, pensando nos meus irmãos e minhas irmãs. [...] minha avó foi com um mês me pegar, eu voltei. Eu disse à minha avó, não me leve mais nunca para essa casa porque eu não quero me separar dos meus irmãos (CLAUDIA, 2018).

Claudia não conseguiu fugir ao seu destino, um tempo depois, sua mãe apareceu e a levou para trabalhar na casa de Dona Odete. Claudia preferia não reconhecer que era uma funcionária da casa, pois, para ela, era tratada como membro da família.

Minha mãe apareceu e me levou para casa de uma senhora chamada Dona Odete, ela foi mais do que uma mãe para mim, lá todo mundo me tratou bem, como uma filha, como um de dentro da casa mesmo, eu comecei a conviver com elas, me tratavam muito bem, me davam o que eu não tinha na minha casa, eu não tinha roupa digna, uma roupa boa, eu não passeava, naquela época, como a gente sofreu para comer, nessa casa eu comia de tudo do bom e do melhor, fui crescendo ali, mas eu ajudava a limpar (CLAUDIA, 2018).

Claudia viveu com essa família até os 20 anos, quando arrumou um emprego em um restaurante e foi viver sozinha. Ela, que tinha perdido o contato com a sua família sanguínea, reaproximou-se e hoje exerce o papel de cuidadora dos familiares. Alega que sempre está sendo solicitada para resolver problemas deles.

Há alguns anos, sua irmã mais velha, aos 33 anos, usuária de drogas, foi assassinada por causa de uma dívida de 50 reais com um traficante. Ela deixou um casal de filhos que são cuidados pela avó materna, o filho mais velho, hoje aos 19 anos, também se tornou

usuário de drogas e a irmã está grávida aos 14 anos. Sua irmã mais nova também está com problemas de saúde e é alcoólatra. E o seu irmão, recentemente, esteve preso por envolvimento em uma briga.

Quando Claudia se lembra da infância, recorda-se das brincadeiras na rua com irmãos e primos, de bolinha de gude, carrinho de madeira, banho no rio, e lamenta o fato de as crianças de hoje não desfrutarem mais disso. Começou a estudar com sete anos, ainda na companhia da sua avó que a matriculou no Grupo Escolar Lourival Batista, dando continuidade aos seus estudos na casa onde foi trabalhar. Coursou até a “quinta série” na Escola Municipal Presidente Vargas e parou. Retornou 12 anos depois na EJA, concluindo o Ensino Fundamental.

Estudei até a quinta série, não estudei mais, falar a verdade, eu nunca gostei de estudar, eu ia obrigada, depois, com o tempo, eu parei para pensar: como é que eu quero um objetivo, alcançar um objetivo se eu não for à luta, se eu não fui em frente? Voltei a estudar com o objetivo, já que não fui professora, posso ser uma enfermeira. Agora, parei de novo, porque com a chegada da minha filha eu tive que parar (CLAUDIA, 2018).

O sonho de criança era tornar-se professora para ensinar as crianças, mas as adversidades da vida não permitiram que ela alcançasse tal sonho.

Quando criança, eu tinha um sonho de ser professora um dia. Meu pai dizia: “que professora, minha filha?” Pai, vou ser professora para ajudar as crianças a estudar. Esse sonho eu não realizei, porque eu fui construir família, veio meu filho que hoje tá com 13 anos. Agora, eu voltei a estudar, depois de 12 anos, veio uma

gravidez que não estava esperando e um problema de saúde (CLAUDIA, 2018).

Outro problema enfrentado durante a vida por Claudia foi o preconceito racial, desde a primeira escola quando ela e as irmãs eram chamadas de “nega do cabelo duro”.

Já sofri preconceito racial, eles diziam: “olhe, que preta aqui!”, mas eu nunca quis encucar com aquilo, falavam de mim, hoje eles estão vendo, as pessoas que me humilhavam hoje estão vendo, mostrei para eles que aquela nega preta venceu na vida e hoje eu estou aqui, estou realizada (CLAUDIA, 2018).

Atualmente, Claudia é dona de casa, vive com o marido e os dois filhos e diz estar em uma condição confortável, mas que, no início do casamento, passou necessidade. Precisou ir trabalhar para complementar a renda, apesar da resistência do seu marido, que queria que ela ficasse só em casa. A preocupação dela agora é como passar para o filho adolescente o valor das coisas, a trajetória de dificuldades que os pais passaram. Seu filho diz que vai estudar e tornar-se um médico.

Claudia e sua família moram no bairro São Carlos e enfrentam diversos problemas, como transporte público insuficiente, lixo nas ruas, falta de saneamento básico, enchentes, falta de posto de saúde dentro da comunidade e falta de segurança.

Apesar de toda a trajetória de adversidades, abandonada pela mãe, passar fome, ter que começar a trabalhar aos oito anos em casa de família, sofrer preconceito racial, Claudia tem uma visão otimista da vida, terminou o ensino fundamental na EJA, quer continuar a

estudar e espera formar-se como enfermeira e deseja que seu filho se torne um médico.

3.1.5 Minha avó sempre dizia: “Minha filha, levante a cabeça, um dia você vai conseguir o que você quer”

Joana, hoje aos 51 anos idade, cursa a 3ª etapa da EJA e tem o sonho de escrever um livro para contar a sua história. É natural da zona rural do município de Ilha das Flores e lá, desde criança, juntamente com a família, trabalhava no cultivo do arroz, como descreve em suas lembranças da infância.

Eu trabalhava de manhã até meio-dia, no brejo, mais minha mãe e minha tia, plantando arroz. Meio-dia, eu tirava a metade da lama do corpo e ia à escola da professora, eu e minha irmã [...] trabalhava em plantação de arroz, trabalhava em cortar lenha, a gente arrancava a planta, amarrava os molhos, para depois levar para a lagoa para plantar. Arrancava na terça-feira e na quarta-feira ia plantar. Aí media os pedaços da terra e ia plantar. Eu trabalhava a semana todinha plantando arroz. Aí quando o arroz passava muito tempo, eu não lembro quanto tempo ele passava, quando ele começava a botar os cachos, ficava maduro, chamavam a gente para cortar, a gente ia cortar o arroz. O trabalho antigamente no interior era esse, plantar e cortar arroz (JOANA, 2018).

No entanto, Joana, aos 17 anos, deixou a sua terra para trabalhar em casa de família na capital de Sergipe, como fazia a maioria das meninas pobres do interior. Nesta casa, ela conta que sofreu maus-tratos da patroa, tanto para trabalhar quanto quando ela se

propunha a ensinar-lhe a ler e escrever.

Apanhava também para trabalhar. A minha patroa dizia: “eu vou ensinar você a ler e a escrever”. Aí ela pegava a me ensinar a ler, “diga essa letra”, eu dizia, ela me batia de chinelo, dava de cabo de vassoura na minha cabeça, me chamava de burra de quatro pés, de animal. Eu começava a chorar. “Você não vai aprender não, vou lhe bater!” Aí rumava o cabo de vassoura na minha cabeça (JOANA, 2018).

A vida de Joana sempre foi difícil, nasceu em um ambiente de vulnerabilidade social, sofrendo vários tipos de violência, desde a moral, a física, até a sexual. Seu pai separou-se da sua mãe quando ela tinha quatro anos, então ela ficou sob os cuidados de sua mãe que trabalhava o dia inteiro na lavoura, deixando-a sob cuidados de terceiros.

Aos nove (9) anos de idade, eu fiquei com trauma e não consegui mais estudar, porque na escola, os professores e colegas tinham preconceito com a minha pessoa, me chamavam de burra, nega preta, nega fedorenta, que não prestava atenção nas aulas, porque tenho uma deficiência no olho, então, as pessoas me chamavam de cega e de tudo e de todas as palavras, eles me xingavam e aconteceu mais uma coisa, aos nove (9) anos de idade, eu fui violentada, eu fui mais precisamente e agora eu sei o que quer dizer a palavra estupro, que antes eu não sabia (JOANA, 2018).

Mesmo com tantas dificuldades, Joana guarda boas lembranças das brincadeiras com irmãos, primos e vizinhos. A predileta eram as cantigas de roda que cantavam até a hora de ir dormir em casas de palha, como diz a colaboradora: “a gente cantava cantiga de roda, dando até a hora de dormir. Quando ia dormir, as casas eram de

palha, não era de telha, nem de bloco, nem de nada, era de palha. Aí, dormia todo mundo comigo”. Outro momento de alegria para ela eram as festas de santos cristãos, que eram comemoradas no campo e na cidade.

A gente ia para a festa do Bom Jesus todo ano em janeiro, a gente ia para a festa do Bom Jesus. Tinha procissão, a gente comprava aquele vestidão, com aqueles panos estampadão, parecendo roupa de quadrilha, fazia os vestidos de manga e ia para a festa. São João, também a gente ia. São João, a gente brincava em casa mesmo, a gente comprava aquelas radiolas, que era à bateria, ligava, comprava o disco de Gerson Filho, de Clemilda e ali mesmo juntava todo mundo e a gente fazia a festa em casa mesmo, sem precisar ir para a cidade. Só ia pra cidade quando era festa do Bom Jesus, a festa de Santa Luzia, a gente ia pra festa (JOANA, 2018).

O tempo era dividido entre a escola e o trabalho na lavoura de arroz. Sua vida escolar iniciou-se recebendo aula particular na casa da professora da escola do povoado, com o intuito de alfabetizá-la antes de matriculá-la, mas, segundo Joana, quando passou a frequentar a escola, a professora não lhe dava atenção, não corrigia seus deveres, alegando que ela não prestava atenção às aulas. Então, Joana deixou de ir à escola e ficou apenas trabalhando.

Somente aos 49 anos, Joana voltou aos bancos escolares, primeiramente por meio de um programa do governo federal em convênio com o governo de Sergipe, o Sergipe Alfabetizado, que visa erradicar o analfabetismo no estado. E depois, matriculou-se na escola municipal para dar continuidade aos estudos. Iniciou no 1º ciclo da

1ª fase da EJA e, atualmente, cursa a 3ª etapa da 2ª fase.

O sonho de Joana é formar-se como jornalista e escrever um livro para denunciar todas as violências sofridas durante a sua vida. Ela diz que somente assim será ouvida e as pessoas acreditarão na sua história. Mas esse anseio sempre foi tolhido pelas pessoas que a rodeavam, fazendo-a acreditar na sua incompetência para tal habilidade.

Meu sonho era sempre de estudar, aprender a ler e a escrever, ser jornalista e escrever um livro, mas aí o pessoal dizia para mim: você tem que trabalhar, porque quem sabe ler e escrever é a mesma coisa de quem não sabe. E hoje em dia, sei que não é assim. Para a gente ter alguma coisa na vida, a gente precisa ao menos saber assinar o nome da gente direito. Eu estou tentando a aprender ler e escrever para dar continuidade na minha vida (JOANA, 2018).

Desde que Joana deixou seu povoado e veio para a capital, sempre trabalhou em casa de família, sem carteira assinada e recebendo um valor inferior ao salário mínimo. Hoje, ela é casada e, por vontade do marido e ordens médicas, não trabalha mais, a contragosto dela. É uma dona de casa sem filhos e vive a dedicar-se a criar vários animais domésticos. Sua vida social, além da escola, resume-se a frequentar um grupo de alcoólicos anônimos para apoiar o marido e festas religiosas de santos cristãos. Quanto à sua comunidade, destaca o problema com as enchentes e os esgotos a céu aberto.

Um sentimento de rejeição a acompanha, desde os relatos sobre o abandono do seu pai, a negação de paternidade, os maus-tratos em casa, o preconceito na escola e o desamor de sua mãe, que se justifica

para ela pelo fato de ser negra e ter uma deficiência em seu olho. No entanto, Joana tem esperança de realizar seu sonho de escrever um livro para se fazer ouvir.

3.1.6 “Tenho direito a ter uma educação melhor, a ter uma profissão melhor”

João nasceu em 1980, no estado do Mato Grosso do Sul, na cidade de Três Lagoas, filho de uma sergipana e de um alagoano. Veio para Aracaju ainda criança com a sua família no início da década de 1980. Seu pai veio primeiro para trabalhar na construção civil e depois mandou buscar a família.

Residiram no Conjunto Jardim Centenário, depois mudaram-se para o conjunto Eduardo Gomes, em São Cristóvão, e depois foram morar no Conjunto Almirante Tamandaré, no Bairro Santos Dumont. As lembranças de João mais claras são desse último lugar, onde ele viveu bons e maus momentos da infância, que o marcaram. Lembra com saudade das brincadeiras que fazia junto com seus irmãos, mas também, recorda-se do assassinato de um amigo da família dentro da sua casa, na época, ele estava com nove anos, e relatou que a imagem nunca mais saiu da sua cabeça.

A vantagem que tinha, a rua não tinha calçamento, não tinha nada, mas tinha tempo de brincar na rua, as crianças podiam brincar na rua, carro não passava muito na rua, quando muito uma carroça e vagabundo correndo da polícia que passava muito por lá, nós brincávamos muito, também os meus irmãos, Regiane e meus irmãos mais novos (JOÃO, 2018).

João ia fazer 15 anos quando seu pai lhe arrumou o primeiro trabalho, um estágio para ser office-boy da Universidade Federal de Sergipe, no intuito de ensinar-lhe a ter responsabilidade e de “ser homem na vida”. Por sua vez, João vê como positiva a atitude de seu pai e defende o trabalho para o menor como benéfico para a formação do bom cidadão, alegando que crianças e adolescentes que não trabalham pegam caminhos tortuosos. O seu pai, além do trabalho, impôs outra regra para disciplinar o filho, deu a este a conta de energia da casa para ser paga com o salário que recebia.

Meu primeiro mês de salário, ele disse: “vou te dar um negócio que você não vai esquecer”. Ele foi para dentro do quarto, demorou um pouquinho, daí ele voltou. “Tá aqui a conta de luz”. Mas, pai! “Não tem mais nem menos, tá trabalhando, é uma forma de você ter responsabilidade, vou ensinar a você como se vive no decorrer da vida, a conta é sua todo mês, então polície e cuide para ninguém estar deixando a lâmpada ligada, senão você vai tomar prejuízo, quanto maior a conta menor dinheiro no seu bolso” (JOÃO, 2018).

João cresceu em meio a uma família envolvida com drogas, brigas e precisou assumir responsabilidade logo cedo. Perdeu seus pais ainda bem jovem e precisou assumir a responsabilidade da criação dos seus irmãos. Seu pai faleceu devido a um câncer de pulmão e sua mãe de tuberculose, causada por uma vida desregrada de álcool e fumo. O alcoolismo da mãe o acompanha desde muito pequeno, pois se lembra da vez em que a mãe o esqueceu na creche, o que o fez ficar com medo de ir à escola. Devido a esse e outros problemas, João foi prejudicado no seu desenvolvimento escolar.

Isso me travou muitos anos, muitos anos, mesmo. Eu

que sempre gostei, mas eu tinha medo, sei lá, quando falavam tem que ir para a escola, pronto, ferrou, eu acho que, de certa forma, eu tinha dentro de mim aquela coisa que eu vou e não volto, alguém vai me deixar lá e ficou um certo trauma; eu acho que isso foi e outras coisas, outras agruras da vida conseguiu [sic] atrapalhar um pouco o meu desenvolvimento educacional (JOÃO, 2018).

O candomblé faz parte da sua vida desde a infância. Levado por sua mãe para as cerimônias, diz que aprendeu sobre o assunto ao observar os rituais, mas que sua mãe não queria que ele se envolvesse para não ser cobrado pelas espiritualidades.

Desde criança, sou do candomblé porque minha mãe é umbandista, que hoje é umbanda, mas na época se chamava mesa branca, já trabalhava com orixás. Dessa forma, então, eu tive esse conhecimento, eu conheci os catiços que hoje em dia chama de Pomba Gira, essas coisas que minha mãe queria que eu tivesse contato com a religião, eu tive, eu fui crescendo nesse meio, não com muita frequência como atualmente, porque minha mãe fazia questão que a gente não se envolvesse tanto, para não ser tão cobrado da espiritualidade, da nossa ancestralidade, mas sempre ia para uma festa, para um Cosme e Damião, eu estava ali só caladinho, olhando, aprendendo e fui aprendendo as coisas da religião. Minha mãe se afastou e nos afastamos também, só vim voltar a ter contato com o Candomblé depois dos 20 e poucos anos (JOÃO, 2018).

Aos 20 anos, João voltou ao Candomblé com a esperança de salvar sua mãe do alcoolismo. Acreditava que a espiritualidade poderia ajudar, mas não conseguiu, pois ela recusou-se a receber ajuda. No entanto, ele continuou praticando e hoje é candomblecista. É devido

ao candomblé que diz sofrer muito preconceito. Ele atribui tal atitude à ignorância, porque as pessoas não conhecem a religião.

O preconceito em relação à minha religião é muito grande, as pessoas acham que todo candomblecista ele é adorador de demônio, muita gente trata a gente de uma forma que é para ficar à parte da sociedade, isola... Eu ouço as pessoas dizerem ele é da macumba, olham e veem o macumbeiro, não o cidadão, aquela pessoa que pode contribuir de alguma forma, eu não sou macumbeiro, sou espírita candomblecista (JOÃO, 2018).

Aos 22 anos, após o falecimento da mãe, ele ficou com a responsabilidade de criar os dois irmãos mais novos. Ele diz que foi difícil, mas conseguiu criá-los, apesar de ele discordar do rumo que eles deram às suas vidas. Sua irmã engravidou ainda na adolescência e hoje tem três filhos que cria sozinha com muitas dificuldades. Seu irmão é dependente químico, o que causa muitas desavenças entre eles. Segundo João, “o que aparecer de droga, ele usa, é igual à minha mãe, ele tem prazer em ficar com essa herança problemática dela”.

Perdi pai e mãe e fiquei com duas crianças para tomar conta, então foi uma coisa meio difícil, porque eu já tinha uma responsabilidade com as coisas, mas não criei uma família. Criar uma família é totalmente diferente, você tem que educar, você tem que se preocupar e levar para o médico, levar para a escola, vê o que tá aprendendo, se está se portando de forma correta no colégio, se não tá andando com quem não presta; um garoto que acabou de sair da adolescência e daí cai de presente no colo um problema, então foi difícil, no começo, eu tinha que assinar tudo, isso porque eu tinha que fazer papel de pai e mãe, sendo irmão (JOÃO, 2018).

A escolarização de João também ficou comprometida pelos problemas familiares, pai ausente e mãe dependente química. Segundo seus relatos, a mãe não acompanhava a sua vida estudantil, já seu pai acreditava que a educação era muito importante para a formação do sujeito. De acordo com João, seu pai dizia: “as pessoas podem tirar tudo de você, pode tirar seu dinheiro, sua roupa, tirar tudo seu, tudo que for material, ela só não pode tirar o seu conhecimento”. Apesar de João crer na sabedoria do seu pai, aos 16 ou 17 anos ele parou de estudar.

Eu parei de estudar quando eu estava com 16, 17 anos, porque meu pai trabalhava, mas minha mãe sempre alcoólatra, eu tinha que cuidar dos meus irmãos, eu sempre cuidei deles, tem que dar banho, levar eles para a escola, fazer almoço... Quando terminava de fazer comida era 02h30min da tarde, eu estudava na época no Francisco Rosa, ia para a escola, mas já estava cansado, trabalhava de manhã e ainda tinha que estudar, às vezes, que eu conseguia ir para a escola, eu ia, mas já estava cansado (João, 2018).

Após outras tentativas de voltar à escola, João retornou efetivamente em 2017, aos 37 anos, cursando a 1ª etapa da 2ª fase da Educação de Jovens e Adultos, e hoje está concluindo a 3ª etapa. Ele acredita que a continuidade de seus estudos lhe proporcionará um futuro mais promissor.

Voltei agora em 2017 porque vi que tinha tempo, minha vida voltou a ter uma certa organização, eu podia trabalhar, meus irmãos estão grandes, minha filha tem 14, meu filho tem 15, então agora, minha vida voltou a ter um pouco mais de ordem, então, eu posso voltar a estudar e também eu quero mostrar, quero provar para as pessoas que eu posso, tenho direito a

ter uma educação melhor, a ter uma profissão melhor, eu tenho direito a ter uma aposentadoria melhor, se eu quero, eu posso, eu consigo (JOÃO, 2018).

A visão otimista de João vem da observação de outras histórias de transformação por meio da educação, como é o caso do seu irmão mais velho e do seu ex-sogro.

Meu irmão mais velho, hoje advogado, ele terminou a faculdade com mais de 40 anos e ele também não teve muito tempo, tinha que trabalhar, sustentar a família dele, mas ele sempre me deu apoio. Eu vi pessoas com 50 anos, o meu ex-sogro formou-se na Faculdade de Direito com 62 anos de idade, então se um cara de 62 pode, por que eu não posso, eu posso evoluir, posso melhorar minha vida, eu posso melhorar a vida dos meus dependentes (JOÃO, 2018).

A profissão de João atualmente é motoboy. Ele trabalha, de maneira informal, por conta própria, mesmo assim, diz que está conseguindo manter as contas em dia. O problema é que não conta com nenhum direito trabalhista, o que o leva a ter alguns prejuízos, como o que aconteceu recentemente. Ele esteve internado por alguns meses devido a uma leptospirose, e, segundo informa, sua vida ficou parada e teve que recomeçar do zero. Para ele, há outro obstáculo ao tentar conciliar trabalho e estudo: “eu saio do trabalho direto para a escola, só dá tempo de passar em casa, tomar um banho e vir, é cansativo porque às vezes tem trabalhos aqui, estudar, exercício, alguma coisa que eu tenho que fazer, então tenho que dormir ainda mais tarde” (JOÃO, 2018).

João já foi casado e tem dois filhos que moram com a genitora, mas alega que acompanha a educação deles de perto e diz que o

maior desafio para a criação são os limites impostos pela situação financeira, que o faz ter medo de que, não podendo satisfazer os desejos materiais, seus filhos, então, busquem o mundo do crime. Como genitor, espera um futuro melhor para os seus descendentes – “eu como pai, espero o melhor, eu estou dando meu melhor para orientá-los, para instruir eles, mostrando que a vida é dura, eles devem continuar estudando, crescendo, para ter uma profissão bacana” (JOÃO, 2018).

O entrevistado mora no Conjunto São Carlos, Bairro Olaria, região periférica de Aracaju, e, em seu relato, faz um apanhado da situação precária dos serviços públicos prestados à comunidade. Inicia dizendo que conseguir atendimento no único posto de saúde do bairro é muito difícil, pois o número de profissionais é insuficiente para a demanda. Outro problema é a falta de segurança na localidade, a qual atribui ao grande número de bandidos para um pequeno número de policiais. E, por último, ele vê, como problema da educação, o desrespeito e a falta de remuneração adequada para os profissionais.

A solidariedade é algo que o entrevistado enaltece como qualidade necessária ao bom cidadão. Para ele, o candomblé foi o responsável por ensinar que “você tem que ser sempre prestativo a todos, se alguém precisar, ajude, pouco ou muito, vou estar presente, uma horinha, meia horinha, um dia inteiro, se for possível, cinco minutos, se eu não tiver um dia, mas tem que estar ali presente” (JOÃO, 2018).

Nas horas de lazer, João demonstra um gosto pela leitura de livros considerados grandes clássicos da literatura, como O cortiço,

Os sertões, O Ateneu, livros de Agatha Christie e aprecia também os livros espíritas. Relata, também, ir ao cinema e ouvir música como formas de lazer.

Eu li um livro que é muito bom, os Sertões de Euclides da Cunha, ele conta a história da cidade de Canudos de Antônio Conselheiro, conta a história daquele povo sofrido, ele estava lá, ele presenciou a guerra de Canudos, a Batalha, o massacre, foi um massacre, quem leu o livro vai entender o que eu estou dizendo, foi uma sacanagem como sempre, o governo agiu de forma bruta, oprimiu o povo e naquela época não tinha direitos humanos, quem tinha o poder, mandava (JOÃO, 2018).

João foi o narrador que disponibilizou o maior volume de informações, suas experiências foram muito bem detalhadas. Sua infância e adolescência foram marcadas por mudanças de endereço, mãe usuária de drogas, violência urbana, brincadeiras na rua. Iniciou a vida adulta assumindo a responsabilidade de cuidar dos irmãos mais novos, depois do falecimento dos seus pais.

3.2 RECORTES TEMÁTICOS DAS HISTÓRIAS DE VIDA

Outra forma de utilizar a história de vida em atividades é por meio de recortes textuais com base em temáticas.

3.2.1. Joana

Identificação

Meu nome é Joana, nasci em 1966, tenho 51 anos, nascida no interior de Sergipe.

Infância

Eu morava no povoado chamado Os Cabaceiros, município de Ilha das Flores, que foi onde eu nasci, eu e minha irmã. Aí, a gente morava lá e aí de novo, fazer um fogo na frente da casa e a gente cantava cantiga de roda, dando até na hora de dormir. Quando ia dormir, as casas eram de palha, não eram de telha, nem de bloco, nem de nada, era de palha.

Escola

Naquele tempo, a escola no interior era assim, tem que estudar de manhã e eu trabalho. Eu trabalhava de manhã até meio-dia no brejo, mais minha mãe e minha tia, plantando arroz. Meio-dia, eu tirava a metade da lama do corpo e ia à escola da professora, eu e minha irmã.

Eu deixei de ir para a escola fiquei só trabalhando, não tive mais chance de estudar! Aí fiquei sem estudar, fiquei, aí a gente veio para Aracaju. Eu vim com a minha mãe para ela trabalhar numa casa de família, eu vim para cuidar, para tomar conta da minha irmã peque-

na, aí a gente veio foi em 80 ou 81, ia chegar perto de 1980, porque depois, em 81, a gente voltou para o interior de novo, aí não voltamos mais para cá. Quando eu vim pra Aracaju de novo, eu tava com 17 anos, trabalhar numa casa de família.

Quando eu voltei a estudar, eu não sei bem quantos anos eu tinha, já estava trabalhando, aí eu fui com o pessoal para a escola, eu fui, aí eu passei nesse projeto Sergipe Alfabetizado, aí eu fui lá, perguntei à professora: tem vaga? Ela disse: tem, você quer estudar? Ela disse: venha amanhã depois do trabalho. Eu fui direto para a escola, para o projeto, estudar.

Trabalho

Quando a minha mãe chegava da rua, que ela trabalhava na roça, na roça se entenda, plantação de arroz. Lá era beira de rio, lá onde eu morava tinha plantação de arroz. Hoje em dia, tudo é máquina, mas antigamente era a gente mesmo quem semeava, que plantava, que cortava, que batia e levava para a fábrica para vender, pra ter um dinheirinho para segunda-feira ir pra feira.

Também trabalhava em plantação de arroz, trabalhava em cortar lenha, a gente arrancava planta, amarrava os moio, era para depois levar para a lagoa para plantar. Arrancava na terça-feira, na quarta-feira ia plantar. Aí, media os pedaços da terra e ia plantar. Eu trabalhava a semana todinha plantando arroz. Aí, quando o arroz passava muito tempo, eu não sei quanto tempo ele passava... Quando ele começava a botar os cachos, ficava maduro, aí, chamavam a

gente para cortar, a gente ia cortar o arroz. O trabalho antigamente no interior era esse, plantar e cortar arroz.

Festas

A gente ia para a festa do Bom Jesus todo ano em janeiro, a gente ia para a festa do Bom Jesus. Tinha procissão, a gente comprava aquele vestido, com aqueles panos estampado, parecendo roupa de quadrilha, fazia os vestidos de manga e ia para a festa. São João, também, a gente ia. São João, a gente brincava em casa mesmo, a gente comprava aquelas radiolas, que era à bateria, ligava, comprava o disco de Gerson Filho, de Clemilda e ali mesmo juntava todo mundo e a gente fazia a festa, em casa mesmo, sem precisar ir para a cidade. Só ia pra cidade quando era festa do Bom Jesus, a festa de Santa Luzia, a gente ia pra festa.

Sonho

Meu sonho era de sempre estudar, aprender a ler e escrever, ser jornalista e escrever um livro, mas aí, o pessoal dizia para mim: “você tem que trabalhar, porque quem sabe ler e escrever é a mesma coisa de quem não sabe”. E hoje em dia, sei que não é assim. Para a gente ter alguma coisa na vida, a gente precisa ao menos saber assinar o nome da gente direito e isso eu tô tentando aprender ler e escrever para dar continuidade na minha vida.

3.2.2 João

Identificação

Eu me chamo João, nasci no ano de 1980, em Mato Grosso do Sul.

Infância

Meus pais têm uma trajetória de vida muito grande. Pai trabalhava muito embarcado, viajando muito. Em um belo dia, ele viajou para Mato Grosso e conheceu mamãe. E aí, com a minha mãe gerou três filhos. O outro é filho do primeiro casamento da minha mãe. Então assim, ele a conheceu lá, depois de um período, de algum tempo de convivência, ele veio para cá para Aracaju para trabalhar. Por incrível que pareça, na época que ele veio para cá já foi na intenção de construir a ponte Aracaju Barra na década de 80, tinha esse projeto, um projeto fracassado da época, o elefante branco, acabou que a empresa faliu e ele ficou aqui a ver navios, ele resolveu trazer a família porque não tinha mais como ir para lá e ele achava que aqui era melhor para trabalho. A família se resumia à minha mãe, meu irmão mais velho e eu. Viemos morar aqui em Aracaju, no Jardim Centenário, na Rua B, moramos ali, eu acho que até de 82 até 85, mais ou menos. Eu era pequeno e lembro muito pouco, lembro-me da cachorra cachaça, pretinha, eu gostava daquela cachorra, ela me acompanhou até os 14 anos. Nós nos mudamos, fomos morar no Eduardo Gomes.

Alguns problemas que ele teve no Eduardo Gomes, ele se mudou do Eduardo Gomes, foi morar no Tamandaré no Santos Dumont, que hoje é conjunto Almirante Tamandaré, na época, era na favela, comunidade, periferia. A vantagem que tinha, a rua não tinha calçamento, não tinha nada, mas tinha tempo de brincar na rua, as crianças podiam brincar na rua, carro não passava muito na rua, quando muito, uma carroça e vagabundo correndo da polícia que passava muito por lá, nós brincávamos muito, também os meus irmãos, Regiane e meus irmãos mais novos.

Adolescência

Continuamos morando no Tamandaré e a coisa foi andando, eu já na adolescência, eu lembro em 94, quando o Brasil foi campeão, bacana aquele jogo, Roberto Baggio perdeu o pênalti, gostei. Assim, eu tive essas fases da vida na minha adolescência, foi uma fase boa com 14 anos. Eu ia fazer 15 em 95, meu pai conseguiu um trabalho para mim... aí, ele me arrumou um trabalho como office-boy da Universidade Federal na época, se chamava estagiário e o menor poderia trabalhar, eu acho o ideal. Ele me conseguiu trabalho e ele disse para mim: “olha vou arrumar um trabalho, você vai trabalhar, você vai ganhar meio salário mínimo e você só vai ter direito agora, à casa, comida. O que você quiser a mais, você é jovem, quer curtir, quer sair, quer ter roupas melhores, vai ser do seu dinheiro...”. Meu pai fazia questão dessas coisas, ele falava que com isso eu ia aprender a ser homem na vida e eu trabalhei dos 15 aos 18.

Religião

Desde criança sou do candomblé, porque minha mãe é umbandista, que hoje é umbanda, mas na época se chamava mesa branca, já trabalhava com orixás, dessa forma, então, eu tive esse conhecimento, eu conheci os catiços que hoje em dia chama de Pomba Gira, essas coisas que minha mãe queria que eu tivesse contato com a religião. Eu fui crescendo nesse meio, não com muita frequência como atualmente, porque minha mãe fazia questão que a gente não se envolvesse tanto, para não ser tão cobrado da espiritualidade, da nossa ancestralidade, mas sempre ia para uma festa, para um Cosme e Damião, eu estava ali só caladinho, olhando, aprendendo e fui aprendendo as coisas da religião. Mãe se afastou e nos afastamos também, só vim voltar a ter contato com o Candomblé depois dos 20 e poucos anos.

Escola

Na época de criança, eu sempre soube que a escola pode nos levar longe, porque, assim, é uma das coisas que meu pai, que eu aprendi com ele, meu pai gostava muito desses provérbios populares, quero dizer assim, as pessoas podem tirar tudo de você, pode tirar seu dinheiro, sua roupa, tirar tudo seu, tudo que for material a pessoa pode tirar, ela só não pode tirar o seu conhecimento, o que você tem de conhecimento, podem arrancar tudo, mas o seu conhecimento vai continuar com você, você vai levar ele, a vida inteira, então eu sempre soube que a escola, é o ideal para eu chegar longe.

Voltei agora em 2017 por que vi que tinha tempo, minha vida voltou a ter uma certa organização, eu podia trabalhar, meus irmãos estão grandes, minha filha tem 14, meu filho tem 15, então agora minha vida voltou a ter um pouco mais de ordem, então, eu posso voltar a estudar e também eu quero mostrar, quero provar para as pessoas que eu posso, tenho direito a ter uma educação melhor, a ter uma profissão melhor, eu tenho direito a ter uma aposentadoria melhor, eu posso, se eu quero, eu posso, eu consigo. Meu irmão mais velho, hoje advogado, ele terminou a faculdade com mais de 40 anos e ele também não teve muito tempo, tinha que trabalhar, sustentar a família dele, mas ele sempre me deu apoio. Eu vi pessoas com 50 anos, o meu ex-sogro fez a Faculdade de Direito com 62 anos de idade, então se um cara de 62 pode, porque eu não posso, eu posso evoluir, posso melhorar minha vida, eu posso melhorar a vida dos meus dependentes, eu botei na minha cabeça que eu quero e que para mim, eu acho que o céu é o limite, a evolução é constante, o ser humano, ele é dotado de inteligência, então ele tem que usar essa inteligência em algum ponto e ele pode fazer alguma coisa com essa inteligência dele. Eu quero, eu vou conseguir, eu vou chegar lá.

Trabalho

Eu comecei a trabalhar com 14 anos, assim, eu trabalho de forma informal, sem carteira assinada, sem vínculo empregatício com empresa nenhuma. Eu trabalho como motoboy, eu trabalho para mim mesmo, presto serviço para as pessoas que me ligam, precisam de motoboy, me ligam, eu vou até a pessoa, faço encomenda, faço

corrida, seja lá o que a pessoa quer que eu faça, eu trabalho por conta própria, mas não com vínculo empregatício, as condições de sobrevivência, não sei, talvez, a situação financeira brasileira da classe C não tá fácil para ninguém, mas eu consigo manter minhas contas em dia, não posso gastar à vontade porque tenho que ter certo controle, até porque eu trabalho para mim mesmo, é uma coisa de muito risco, um exemplo disso aqui, quando eu fiquei doente e quatro meses internado, quase quatro meses, então, eu tive um grande aperto, porque ficou tudo parado na minha vida, eu saí com a mão na frente, outra atrás, tive que recomeçar do zero.

Filhos

Tenho filhos, mas eles moram com a mãe, mas eu os vejo constantemente, eles moram próximo, a menos de 1 km da minha casa, supervisiono constantemente, quase todos os dias, eu sou um pai presente sim, apesar de não morar com a mãe deles, sou um pai presente, hoje é complicado você criar filho adolescente, porque o mundo de hoje está tão complicado, o que as crianças veem, os adolescentes veem de promoção, querem um celular novo melhor, querem um computador melhor, querem uma roupa bacana, tudo bem, então hoje, tem uma dificuldade para todo mundo, daí é complicado você lidar sobre isso com adolescentes, é complicado você botar na cabeça das crianças e adolescentes de hoje, o limite. Essa é a maior dificuldade, olha você não pode ter esse telefone de R\$ 1000, que seu pai não tem condições de pagar R\$ 1000 em um telefone, aí fica naquela coisa, você tem que ficar no pé para eles não acabarem fa-

zendo bobagens, não partir para o mundo do crime. Eu como pai, eu espero o melhor, eu estou dando meu melhor para orientá-los, para instruir eles, mostrando que a vida é dura, eles devem continuar estudando, crescendo, para ter uma profissão bacana; então como pai, quero isso, quero o melhor deles, estou fazendo o possível para que eles tenham o melhor, mas é complicado.

Bairro

Um dos problemas que é muito enfrentado por todos nós do bairro da periferia em geral é a saúde, o posto de saúde só vive cheio, então é difícil você conseguir atendimento com dignidade com bons profissionais, poucos profissionais, uma que a demanda é muito grande, muitas pessoas em busca da saúde; a segurança é difícil, porque é defasada, o déficit de segurança é grande, é muito bandido para pouca polícia; a educação também é muito difícil, muitos profissionais acabam saindo da educação.

Solidariedade

Todo mundo pode contribuir de alguma forma, um pouquinho já é muito bom, um dia ou meio dia ou cinco minutos, mas sempre temos o que contribuir com o próximo, é só o ser humano deixar de ser um pouco egoísta... No candomblé, a gente ajuda muito, alguém vai lá, precisa de uma ajuda, se for limpeza, vamos ajudar, todo mundo vai ajudar. Teve um senhor que a casa dele não estava muito boa, o telhado estava vazando e foram lá no terreiro e falaram com a gente

que a casa dele tá vazando por causa da chuva; juntamos os filhos do terreiro para fazer uma geral, retelhamos a casa dele todinha, tudo direitinho e ele nem é do Candomblé, ele é, por incrível que pareça, um cara evangélico, ele ficou espantado e disse: foram os macumbeiros que me ajudaram, meus irmãos.

Preconceito religioso

O preconceito em relação à minha religião é muito grande, as pessoas acham que todo candomblecista, ele é adorador de demônio, muita gente trata a gente de uma forma que é para ficar à parte da sociedade, isola. “Não fale com ele porque é macumbeiro, se afaste daí filho”. Tem gente que chama o pai Babalorixá, o pai de santo de pai de chiqueiro, que é uma forma vulgar e é feio, jogando a sociedade contra uma única pessoa, não perguntam para a gente o que é o seu candomblé, no que acreditamos, eles acham que a gente não acredita em Deus, nós acreditamos que Deus é a coisa mais importante na vida do ser humano, a diferença é que a gente pensa que Deus não tá lá em cima no trono sentado, achamos que Deus está aqui entre nós, no ar que eu respiro, sopro divino, na comida que eu como foi Deus que está ali me alimentando, matando minha fome, dando vida, porque se eu como, vivo, então, há vida, Deus está me dando, se estou bem de saúde é Deus, a água que eu bebo, tá limpinha, não tem bactéria, não tem sujeira, é Deus, se eu for comer uma galinha, eu olho algum animal, vou me alimentar, eu tenho que agradecer a ele porque ele vai morrer, ele vai ser sacrificado para que a vida dele dê continuidade à minha... Então, as pessoas não conhecem nossa re-

ligião e me discriminam muito, disseram que eu era do candomblé, tem gente que me olha torto, às vezes, quando escuta o meu telefone tocar, eu ouço as pessoas dizerem “ele é da macumba”, olham e veem o macumbeiro, não como o cidadão, aquela pessoa que pode contribuir de alguma forma e não me olhar só como o macumbeiro, eu não sou nem macumbeiro, sou espírita candomblecista.

3.2.3. Pedro

Identificação

Meu nome é Pedro, tenho 19 anos e nasci aqui mesmo em Aracaju.

Infância

Eu ainda consegui pegar aquela infância que não tinha violência, consegui brincar de pião, soltar pipa. Aquela infância era a melhor. As crianças de hoje em dia nunca vão saber como era aquilo, porque era a melhor de todas. A gente era tão feliz, mas não sabia, por isso não aproveitava tanto.

Adolescência

Até teve uma época, adolescente tem isso de “Escola, para quê? Melhor curtir”, se não fosse pelos meus pais eu não estaria aqui. Eles

me falaram da importância para mim, porque vou ter um emprego melhor, uma qualidade de vida melhor, aí estou tentando. Eu gosto da escola, gosto de aprender, às vezes dá aquela preguicinha, mas é sempre bom a escola, eu gosto.

Escola

Entreí com sete ou nove, por conta que meu pai trabalhava, eu sou filho único, e a minha mãe não queria ficar só em casa. Aí ela me colocou um pouco atrasado. Eu lembro que no primeiro dia eu chorei porque eu não queria ficar ali, eu menti para a professora porque tinha vergonha de dizer “Não quero ficar aqui, quero a minha mãe”, menti dizendo que o meu pé estava doendo e ela me mandou para casa.

A escola me pediu para que eu estudasse à noite porque eu estava bastante atrasado, e acho que foi por conta minha mesmo, porque se eu me dedicasse mais acho que teria terminado. Dificuldade, eu tenho, mas também era porque eu não gostava tanto do ambiente.

Hoje, eu quero, primeiro, acabar a escola, fazer um curso técnico, começar a trabalhar e daí conseguir bancar a faculdade. Melhorou porque, se não fosse, eu ainda estaria atrasado. Aí graças à EJA, eu consegui avançar e já estou no ensino médio. Já já acabo.

Música

Música é tipo uma forma que eu consegui me expressar, porque

rap é poesia, e poesia é uma forma de se expressar. Aí foi assim que eu consegui. Eu sempre gostava. Eu comecei a ouvir rap temático que era um cantor no YouTube chamado Blaackoutz. Isso é bom demais. Eu começava a decorar aquelas músicas e começava a improvisar, falar nada com nada e ia juntando aquilo. Foi assim que eu consegui escrever a primeira música, foi até para minha ex. É uma música falando do que ela fez e que ela iria se arrepender. É tipo assim: “Agora tá chorando/ Gritando se humilhando/ Te dei o meu amor/ Isso para mim foi engano/ Queria estar/ Ao seu lado/ natural/ Mas você não quis./ Então fui embora/ Vejo/ Que eu estava errado/ Te dar o meu amor / Foi meu maior fracasso/ Mas tudo bem / O mundo gira/ Sou eu quem tô por cima/ Te dei o meu amor/ Você não deu valor/ Te dei meu coração/ Você o magoou/ Te dei o meu amor/ Você sabe disso/ Agora quer voltar/ Como um cão arrependido”. Eu sempre quis ser rapper. Só que eu não sei por onde começar. Já tentei no YouTube, já tentei... eu não sei. Agora eu pratico na igreja.

Tem pessoas que, algumas têm preconceito com o rap porque diz que é coisa de malandro, mas não é. O rap é uma poesia que a gente conta no dia a dia, vai montando as línguas e fala da sociedade, do mundo, do que a gente é. O rap é... não tem nada a ver. “Apenas um time/ Em busca de vitórias/ Não ganharam o título/ Mas fizeram história/ Que tragédia!/ Não dá para acreditar/ Deus! Por que teve que nos levar?/ Não dá para acreditar/ Estava tão feliz/ E, do nada/ Chega o fim/ Penso na família/ E nas crianças/ Por favor, que não morra/ A esperança/ Tiro a inspiração/ As lembranças vamos usar/ E vocês no coração/ Vamos guardar/ Aqui na Terra/ Fizeram seu pa-

pel/ Descansem em paz/ Aí no céu/ Sabe que dói o coração/ Quando lembro de vocês/ Agitando a multidão/ No campo com a bola/ Os dribles/ Traço, elástico/ Como esquecer/ Aqueles golaços/ Sabe! Obrigado por tudo/ Vocês serão inspiração/ Para o novo futuro”.

Sonho

Meu sonho vem do que eu quero me formar. Eu tinha... eu tenho três alternativas, vamos ver se uma dá certo. Eu queria ser rapper, porque com a música eu conseguiria espalhar mensagens para as pessoas, tipo a vida, o que o mundo se passa. Queria fazer Psicologia, para ajudar as pessoas também através da mente. Também queria ser educador físico, porque assim na saúde eu poderia ajudar as pessoas. Porque eu gosto de ajudar as pessoas.

3.2.4 Claudia

Identificação

Meu nome é Claudia, nasci em Aracaju, em 1979.

Infância

Até os meus oito, nove anos, eu me lembro, a gente brincava de bola de gude, naquele carrinho de pau. Apanhei muito do meu pai porque com oito, nove anos eu não tinha peito, então me vestia

igual menino, botava o short aqui em cima da barriga e saía com os meninos, brincava com os meus primos, com meus irmãos, a gente ia pegar jamelão, oiti, “almeida” ou aquela planta que se chama mata fome, ia muito em rio, essas coisas de criança mesmo. Hoje em dia, as crianças não brincam.

Religião

Tinha uma senhora lá que levava a gente quando era pequena para o catecismo, que, naquela época, era o catecismo, a gente ia para o catecismo no sábado, dia todinho. Lá, tinha brincadeira da cadeira, do ovo na colher, de dança da laranja cada um com seu par, eu me lembro disso. Aí, quer dizer, eram brincadeiras boas. Eu queria quando era criança, eu tinha um sonho, eu dizia assim: vou ser professora um dia. Meu pai dizia: “que professora, minha filha!” Pai, vou ser professora para ajudar as crianças a estudar.

Escola

A minha vó matriculou a gente na escola, era o grupo escolar Lourival Batista, no Castelo Branco, a gente morava nas areias, aí matriculou em duas escolas porque não podia, naquela época, os seis irmãos estudarem em uma única escola, ficou três no colégio Lourival Batista e os outros três ficaram no Bilac Pinto, no Castelo Branco.

Nessa época, eu fui até os dez anos e depois eu parei de ir para a escola porque eu fui para a casa dessa mulher. Lá, eu trabalhava, aí, ela dizia: aqui, você vai ter o estudo. Aí, eu estudei nessa casa até a

quinta série, depois quando eu saí de lá, parei, eu optei pelo trabalho e comecei a estudar tem pouco tempo, agora, depois de casada.

Eu me lembro que eu estudei na Escola Lourival Batista, no Castelo Branco. Na época, a diretora era dona Bernadete, tia Bernadete. Estudei no Presidente Vargas, na época, o diretor era Cláudio, diretor de lá. Foi um tempo bom, eu gostei de estudar lá, não tenho o que falar; eu estudei no General Siqueira, em frente ao Bompreço, só me lembro do tempo do colégio, mas da cidade eu não me recordo, só me lembro que eu estudei de sete anos no Lourival Batista, de sete anos para oito, minha avó me tirou para eu trabalhar na casa dessa mulher na rua Laranjeiras. Gostei do Presidente Vargas, aí já estava na casa da senhora e que eles me criaram que nem da família, membro da família na casa da senhora, eu fiquei até os 20 anos, estudei até a quinta série também, não estudei mais. Aí, depois, falar a verdade, eu nunca gostei de estudar, eu ia obrigada, depois com o tempo eu parei para pensar: como é que eu quero um objetivo, alcançar um objetivo se eu não for à luta, se eu não fui em frente? Comecei a estudar e voltei a estudar com o objetivo, já que não fui professora, posso ser uma enfermeira, agora parei de novo, porque com a chegada da minha filha eu tive que parar.

Trabalho

Eu já vendi lanche na rua, já fui babá, já fui doméstica, fui cada coisa, um pouco. Agora, meu último emprego foi fichado em um con-

domínio. Já trabalhei oito anos como zeladora no Condomínio Serpente Del Rey, na Farolândia, vizinho da Unit. Trabalhei lá oito anos, trabalhei lá, foi meu primeiro emprego de carteira assinada, porque todos os outros não tinham carteira assinada. Para mim, foi uma grande experiência, porque eu não sabia o que era um emprego de carteira assinada. Um emprego de carteira assinada, você tem todos os seus direitos, toda a lei está em cima de você e seus benefícios, os benefícios que você tem de horário de sair, horário de chegar e bater cartão. Então, ali, para mim, foi um aprendizado muito bom, uma aprendizagem para mim. Gostei muito do meu trabalho. Hoje, eu não tô lá porque eu fiz por onde sair, se quisesse eu estava lá até hoje. O trabalho me atrapalhou, porque antes eu optava o trabalho ou o estudo, optei pelo trabalho, para eu ter minhas coisas, comprar. Eu fui de uma infância sofrida, então, eu quis mostrar para mim mesma que eu ia vencer, para eu comprar minhas coisas, ter minha obrigação, minha responsabilidade, comprar meu perfume, meu batom, minha roupa, não ficar ligando nem pedindo nada a ninguém.

Família

Na hora de lazer, reúno minha mãe e minhas irmãs, tudo na minha casa, eu faço almoço, elas bebem a cervejinha delas, fumam o cigarro delas ali, não tem passeio melhor do que tá com minha família. Família para mim é tudo. Toda família briga, tem discórdias, mas depois, todo mundo está junto. É assim mesmo, assim minha vida vai levando.

Comunidade

No meu bairro, o transporte é péssimo, porque só tem um ônibus, o São Carlos, um ônibus para todo o horário. Ele vai, ele volta, ele tem repouso, demora, o único horário bom de pegar no São Carlos é só de manhã, passou das 9 horas, não presta mais, tem que caminhar até aqui para a Avenida Santa Gleide. Aqui pega tudo, tem todos os ônibus, fica melhor, mas lá do Maria do Carmo é péssimo. Uma lixaria, a comunidade é a primeira a botar, a fazer lixo, onde moro tem uma ladeira que eu subo e essa ladeira dá direto para a BR, já, e de frente, tem um condomínio, em frente ao condomínio, a comunidade faz de lixo, é uma lixeira. Daqui uns dias, vou chamar Gilmar Carvalho, para ver aquela lixeira, para ver o que ele vai fazer com aquilo ali em frente do condomínio. A prefeitura vem, limpa, a Emsurb, eles limpam agora, daqui a pouco, a 20 minutos, dez minutos, já está a lixaria de novo. Então, a minha comunidade precisa de uma lixeira, precisa de saneamento básico que não tem, é precário também; enchente quando chove, ave, Maria! Posto de saúde só tem um aqui e é lá no Jardim Centenário para essa comunidade toda. Da segurança, não posso nem falar, porque não sou de ficar na rua, mas ali tem um box, mas, para mim, eu não vejo nada, não sou de ver nada o que acontece, eu vejo às vezes na televisão que nem assisto.

Preconceito racial

Já sofri preconceito racial, eles dizem “olhe que preta aqui”, mas eu nunca botei na minha cabeça, nunca quis encucar com aquilo na minha cabeça, sabe, falavam de mim, hoje eles estão vendo, as

peessoas que me humilhavam, hoje, estão vendo, eles são meus amigos, são meus amigos, não, colegas, falam comigo, mas é oi, oi, para mostrar para eles que aquela nega preta venceu na vida e hoje eu tô aqui, tô realizada.

3.2.5 Maria

Identificação

Meu nome é Maria, tenho 31 anos, nasci aqui em Aracaju mesmo.

Infância

Eu fui criada com avó desde o dia que minha mãe me teve. Graças a Deus, só tive irmãos por parte de pai, eu só conheci o irmão, mesmo assim, quando eu estava com 11 anos de idade, meu irmão por parte de pai e minha família toda do interior por parte de pai também. Conheci minha família com 11 anos de idade, eu fui visitar eles, gostam muito de mim. Apesar de que eu pareço muito com meu pai porque minha mãe é baixinha e meu pai é altão, saí a ele.

Eu chamava a minha avó de mãe, chamava ela de mãe, me criou na igreja evangélica desde novinha e eu fui crescendo sempre na igreja, ela me botou na escola, eu me lembro que eu fui para a escola e cheguei lá, assim, ela sempre mandava estudar: “minha filha, vai estudar!” Só queria ir para a escola para brincar, só queria brincar

e eu não queria saber muito de estudo. Ela, às vezes, ela me batia, tem alguma coisa com os estudos e eu só levava o tempo mais para rir e brincar. Aí eu fui crescendo, quando eu tinha dez anos de idade, minha vó faleceu, aí não tive mais infância.

Eu gostava muito de brincar de boneca, brincávamos de boneca e eu tinha uma colega na minha infância que minha avó deixava ir para a casa dela brincar de boneca, gostava muito de jogar bola, o jogo era uma bolinha e um pau na mão, eu não me lembro de mais, mas eu gostava muito desse jogo, também gostava de jogar futebol na quadra do Colégio.

Adolescência

Eu fui morar com essa tia mais velha, eu morei com ela, aí eu cheguei, vim para cá para o Jardim Centenário porque, na época, eu morava no Ponto Novo, perto da casa da minha vó. A casa dela ficou de herança, aí eu vim para o Jardim Centenário.

E aí o vizinho da minha tia queria namorar comigo. Ele disse: “eu vou falar com sua tia”. Ele tinha 21 anos e eu ia fazer 12. Não queria, mas minha tia disse para namorar. Eu namorei com ele, aí eu fui namorando com ele, ficando com ele na porta, namorando na porta sério. Eu morei com ele lá na casa da mãe dele, eu convivi com ele, nós convivemos três anos, depois de três anos foi que eu engravidei da minha primeira filha, ele também é uma pessoa que só quer viver em balada. Eu engravidei com 14, no caso, quando eu tive minha menina eu ia fazer 15.

Escola

Eu queria ser alguém na vida. A minha primeira escola foi no Tancredo Neves, no Ponto Novo, perto da Luzia, estudei ali até a terceira série, aprendi a ler e a escrever, porque eu tinha uma colega que ela sempre ficava me ensinando, que minha avó falava com ela, tipo banca. Ela dizia: estude, minha filha, para ser alguém na vida! Me dava muito conselho, só que eu só gostava de rir e de brincar. Depois que eu me envolvi, parei de estudar. Quando minha avó faleceu, parei de vez. Só voltei a estudar depois que eu arrumei meu primeiro companheiro, que foi esse aí, eu comecei a estudar no Paulo Costa porque eu vim para cá, no Bugio, aí a segunda escola foi no Paulo Costa. Só estudei um ano, depois, desisti, a dificuldade foi por causa do meu companheiro mesmo, ficava no meu pé, ciomando de mim, aí eu parei mesmo, aí quando eu voltei a estudar já estava com três filhos.

Eu deixei o pai da minha filha, eu arrumei esse segundo rapaz para morar, mas eu também sofri muito, ele que me levou a estudar, ele me deu conselho para eu voltar a estudar, eu não queria voltar, estava mais ou menos com os meus 20 anos, parei de novo; ficava entrando e saindo, passava de ano nem nada, só desistia. Eu desisti sobre a influência do companheiro porque era difícil para mim, os filhos também, porque não tinha com quem deixar, às vezes ele ficava, às vezes ele não ficava. Agora é bom, graças a Deus, tranquilo, os meus professores, eu gosto de todos, agora, com fé em Deus, agora eu termino, eu quero terminar, eu voltei, para os meus filhos se espelhar em mim, entendeu, estou estudando e eu quero que eles

também estudem, eu quero ser alguma coisa na vida, eu quero ser assim uma doutora, eu quero ser assim uma médica, eu quero ser alguém na vida, eu creio que enquanto há vida, há esperança, então eu quero ser alguém na vida.

Trabalho

Meu primeiro trabalho foi na Fabise, eu estava com meus 27 anos, entrei lá porque foi Deus que abriu, eu estava com três filhos passando necessidade e graças a Deus, abriu a porta para mim; eu estava estudando, foi outro motivo para eu parar de estudar porque era muito pesado, porque às vezes a Fabise muda o horário da manhã para a noite, não passei muitos anos, seis meses eu passei lá, depois eles botaram para fora, eu não pedi para sair, eles que me mandaram, porque meu marido adoeceu, meu filho adoeceu e ficava na creche, é um tal de um cisto que aconteceu com ele que esse cisto, os médicos constataram com o raio-x. Estava faltando ao trabalho e a empresa não gostava disso, que botasse atestado; agora eu estou agente de limpeza, trabalho na Multserv, muito séria graças a Deus, trabalho no Sinhazinha, empresa terceirizada e graças a Deus, foi uma porta que Deus abriu para mim. E Graças a Deus eu posso estudar, porque o horário que eu pego é de sete horas e largo cinco.

3.2.6 Paula

Identificação

Eu me chamo Paula, nasci em 1974, sou nascida em Lagarto.

Infância

Eu me lembro da minha infância no interior, a gente começou a trabalhar muito cedo, aos sete anos meu pai já levava a gente para a roça, para plantar laranja, fumo e maracujá. Lembro muito dos meus irmãos, nós somos sete, a gente sempre brincava, à noite, com os vizinhos de pega-pega, de esconde-esconde, jogo das pedrinhas, era muito legal. Acho que a infância passou muito rápido, sinto muito.

Na época, tinha dias que a gente tinha muito trabalho, a gente não ia para o colégio, meu pai dizia: “hoje, vocês vão para o colégio não, vocês vão faltar porque que tem muito serviço”. A gente e a família que tinha de cuidar da roça do fumo. Eu tenho que fazer aquele processo todo de instalação, depois vai enrolar tudo aí ele não deixava a gente ir para escola duas vezes na semana, assim, geralmente era isso.

Escola

Eu lembro que nessa escola, eu estudei até a quarta série e então parei de estudar com 14 anos. O que sinto mais falta é não ter tido a oportunidade de ter estudado mais. Porque parar na quarta série é

muito pouco. Eu sinto muito esse fato do meu pai não ter condição, para avançar nos estudos precisaria ir para a cidade, isso mexe muito comigo.

É o que eu digo, o meu desejo que eu sinto falta quando era criança é de não ter estudado mais, os estudos, isso eu sinto muita falta ainda hoje de querer ter uma profissão, de querer se formar. Comecei na escola com sete anos, então até aí eu acho que eu tinha dificuldades, eu tinha, eu reprovei em algumas séries, mas eu reprovei, eu acho que era dificuldade de aprender ou então porque faltava muito à escola. Já comecei a trabalhar fora e aí eu não voltei mais a estudar. Até cheguei a me matricular em Boquim, mas não estudei. No ano passado, voltei a estudar aqui. Dos meus 15 até 42 anos eu parei.

Eu acho que a EJA, agora esse novo projeto de estudo, que a escola é uma oportunidade incentiva a terminar os estudos para quem quer estudar, eu vejo um grande incentivo para acelerar, para a gente que já tinha a idade para terminar. O estudo facilita o trabalho, também ajuda muito para fazer um curso, eu acho que é só querer, ter força de vontade para estudar.

Trabalho

Nos meus 15 anos, saí de casa fui trabalhar em casa de família em Aracaju para ajudar os meus pais. Conheci o meu marido e fui morar em Salvador, sempre gostei de viajar, então, depois, fui morar em São Paulo. Fiquei dois anos e alguns meses lá e depois retor-

nei para Aracaju, não voltei mais para morar no interior. Tive filhos, meu primeiro filho foi aos 25 anos, sempre trabalhando.

Sempre trabalhei de doméstica, cozinheira. Você faz tudo, cozinha, nossa! Faz de tudo, serviço todo da casa. Sempre trabalhei. Logo no início, vim trabalhar aqui em Aracaju. Acho que com 16 anos, vim trabalhar aqui que não era de carteira assinada, vim assinar a carteira quando eu fui morar em São Paulo, aí foi o primeiro emprego de carteira assinada, mas daí para cá, só estou trabalhando de carteira assinada. Tem dois meses que estou desempregada.

Sonho

Eu tenho esse desejo de querer me formar, mas eu acho que histórias tão lindas de força de querer se formar, mas às vezes, a gente bota tanto obstáculo. Gostaria de fazer algum tipo de curso na minha área, que eu gosto de culinária, até fazer uma faculdade de gastronomia, é meu sonho.

3.3 PROPOSTAS DE ATIVIDADES COM HISTÓRIA ORAL DE VIDA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NA EJA

A seguir, são sugeridas algumas atividades que podem ser desenvolvidas pelo professor a partir do uso das entrevistas coletadas com alunos da EJA. O docente pode trabalhar inúmeras temáticas

com trechos ou com toda a história de vida do narrador/colaborador. As atividades abaixo são apenas uma amostra das possibilidades de uso que pode ser dado ao material produzido nesta pesquisa ou, ainda, pode servir de inspiração para que o professor realize o seu próprio projeto de história oral de vida em sala de aula.

Atividade 1

Professor, proponha aos seus alunos a atividade com um recorte textual sobre a temática TRABALHO, selecionado da história de vida da narradora/colaboradora Paula.

Nos meus 15 anos, saí de casa fui trabalhar em casa de família em Aracaju para ajudar os meus pais. Conheci o meu marido e fui morar em Salvador, sempre gostei de viajar, então, depois, fui morar em São Paulo. Fiquei dois anos e alguns meses lá e depois retornei para Aracaju, não voltei mais para morar no interior. Tive filhos, meu primeiro filho foi aos 25 anos, sempre trabalhando. Sempre trabalhei de doméstica, cozinheira. Você faz tudo, cozinha, nossa! Faz de tudo, serviço todo da casa. Sempre trabalhei. Logo no início, vim trabalhar aqui em Aracaju. Acho que com 16 anos, vim trabalhar aqui que não era de carteira assinada, vim assinar a carteira quando eu fui morar em São Paulo, aí foi o primeiro emprego de carteira assinada, mas daí para cá, só estou trabalhando de carteira assinada. Tem dois meses que estou desempregada.

Pode ser feita uma roda de conversa explorando a oralidade dos

discentes sobre as seguintes questões:

1. Migrações do campo para a cidade em busca de trabalho, ocorridas no Brasil a partir dos anos 1950.
2. Mudanças do papel da mulher na sociedade ao longo do tempo.
3. O trabalho doméstico em diferentes momentos históricos.
4. Conquista recente de uma legislação que regulamenta o trabalho doméstico no Brasil.

Atividade 2

Professor, proponha aos seus alunos a atividade com um recorte textual sobre a temática COMUNIDADE, selecionado da história de vida da narradora/colaboradora Claudia.

No meu bairro, o transporte é péssimo, porque só tem um ônibus, o São Carlos, um ônibus para todo o horário. Ele vai, ele volta, ele tem repouso, demora, o único horário bom de pegar no São Carlos é só de manhã, passou das 9 horas, não presta mais, tem que caminhar até aqui para a Avenida Santa Gleide. Aqui pega tudo, tem todos os ônibus, fica melhor, mas lá do Maria do Carmo é péssimo. Uma lixaria, a comunidade é a primeira a botar, a fazer lixo, onde moro tem uma ladeira que eu subo e essa ladeira dá direto para a BR, já, e de frente, tem um condomínio, em frente ao condomínio, a comunidade faz de lixo, é uma lixei-

ra. Daqui uns dias, vou chamar Gilmar Carvalho, para ver aquela lixeira, para ver o que ele vai fazer com aquilo ali em frente do condomínio. A prefeitura vem, limpa, a Emsurb, eles limpam agora, daqui a pouco, a 20 minutos, dez minutos, já está a lixaria de novo. Então, a minha comunidade precisa de uma lixeira, precisa de saneamento básico que não tem, é precário também; enchente quando chove, ave, Maria! Posto de saúde só tem um aqui e é lá no Jardim Centenário para essa comunidade toda. Da segurança, não posso nem falar, porque não sou de ficar na rua, mas ali tem um box, mas, para mim, eu não vejo nada, não sou de ver nada o que acontece, eu vejo às vezes na televisão que nem assisto.

Após a leitura da fala de Claudia discorrendo sobre os problemas da sua comunidade, o professor deve conduzir um debate sobre os pontos abaixo, explorando a oralidade dos discentes. Ao final, pode-se propor uma atividade em que os alunos redijam medidas que possam ser tomadas pelo poder público para resolver tais questões e encaminhar ao gestor municipal e aos vereadores.

1. História da formação das cidades.
2. O Estado e as políticas públicas em diferentes épocas no Brasil.
3. As desigualdades econômicas e sociais no Brasil.
4. O conceito de cidadania no Brasil contemporâneo.

Atividade 3

Professor, proponha aos seus alunos a atividade com um recorte textual sobre a temática CULTURA DA PERIFERIA, selecionado da história de vida do narrador/colaborador Pedro.

Música é tipo uma forma que eu consegui me expressar, porque rap é poesia, e poesia é uma forma de se expressar. Aí foi assim que eu consegui. Eu sempre gostava. Eu comecei a ouvir rap temático que era um cantor no YouTube chamado Blaackoutz. Isso é bom demais. Eu começava a decorar aquelas músicas e começava a improvisar, falar nada com nada e ia juntando aquilo. Foi assim que eu consegui escrever a primeira música, foi até para minha ex. É uma música falando do que ela fez e que ela iria se arrepender. É tipo assim:

“Agora tá chorando/ Gritando se humilhando/ Te dei o meu amor/ Isso para mim foi engano/ Queria estar/ Ao seu lado/ natural/ Mas você não quis./ Então fui embora/ Vejo/ Que eu estava errado/ Te dar o meu amor / Foi meu maior fracasso/ Mas tudo bem / O mundo gira/ Sou eu quem tô por cima/ Te dei o meu amor/ Você não deu valor/ Te dei meu coração/ Você o magoou/ Te dei o meu amor/ Você sabe disso/ Agora quer voltar/ Como um cão arrependido”.

Eu sempre quis ser rapper. Só que eu não sei por onde começar. Já tentei no YouTube, já tentei... eu não sei. Agora eu pratico na igreja. Tem pessoas que, algumas têm preconceito com o rap porque diz que é coisa de malandro, mas não é. O rap é uma poesia que a gente conta no dia a dia, vai montando as línguas e fala da sociedade, do mundo, do que a gente é. O rap é... não tem nada a ver.

“Apenas um time/ Em busca de vitórias/ Não ganharam o título/ Mas fizeram história/ Que tragédia!/ Não dá para acreditar/ Deus! Por que teve que nos levar?/ Não dá para acreditar/ Estava tão feliz/ E, do nada/ Chega o fim/ Penso na família/ E nas crianças/ Por favor, que não morra/ A esperança/ Tiro a inspiração/ As lembranças vamos usar/ E vocês no coração/ Vamos guardar/ Aqui na Terra/ Fizeram seu papel/ Descansem em paz/ Aí no céu/ Sabe que dói o coração/ Quando lembro de vocês/ Agitando a multidão/ No campo com a bola/ Os dribles/ Traço, elástico/ Como esquecer/ Aqueles golaços/ Sabe! Obrigado por tudo/ Vocês serão inspiração/ Para o novo futuro”.

A partir do trecho acima, o professor pode conduzir um diálogo a respeito de alguns aspectos da cultura. Ao final, pode propor a montagem de uma exposição dos talentos artísticos dos alunos (desenhos, poesias, danças, músicas, artesanatos, etc.).

1. Discutir em dimensões históricas os conceitos de cultura erudita e cultura popular.
2. Refletir sobre a marginalização da arte produzida nas periferias e a relação com a cultura afro-brasileira.
3. Apontar diferenças entre gerações quanto a valores estéticos e morais.

Atividade 4

Professor, proponha aos seus alunos a atividade com um recorte textual sobre a temática BRINCADEIRAS DE OUTROS TEMPOS, selecionado das histórias de vida dos narradores/colaboradores Pedro, Joana e Claudia.

Eu ainda consegui pegar aquela infância que não tinha violência, consegui brincar de peão, soltar pipa. Aquela infância era a melhor. As crianças de hoje em dia nunca vão saber como era aquilo, porque era a melhor de todas. A gente era tão feliz, mas não sabia, porque não aproveitava tanto. Se soubesse que era daquele jeito e que iria ficar assim, a gente teria aproveitado mais antes (PEDRO).

Eu morava no povoado chamado Os Cabaceiros, município de Ilha das Flores, que foi onde eu nasci, eu e minha irmã. A gente morava lá e fazia um fogo na frente da casa e a gente cantava cantiga de roda, dançando até a hora de dormir. Quando ia dormir, as casas eram de palha, não era de telha, nem de bloco, nem de nada, era de palha (JOANA).

Até os meus oito, nove anos, eu me lembro, a gente brincava de bola de gude, naquele carrinho de pau. Apanhei muito do meu pai porque com oito, nove anos eu não tinha peito, então me vestia igual menino, botava o short aqui em cima da barriga e saía com os meninos, brincava com os meus primos, com meus irmãos, a gente ia pegar a jamelão, oiti, almeida ou aquela planta que se chama mata fome, ia muito em rio, essas coisas de criança mesmo. Hoje em dia as

crianças não brincam (CLAUDIA).

A partir dos trechos, o professor pode explorar as mudanças e as permanências na forma de brincar das crianças. Algumas questões podem ser conversadas com os alunos.

1. Fazer um comparativo entre as brincadeiras dos alunos quando crianças e as que as crianças brincam atualmente.
2. Relacionar as mudanças na forma de brincar com as mudanças sofridas pela sociedade nos últimos tempos.
3. Citar brincadeiras da cultura sergipana.

Atividade 5

Professor, reúna seus alunos para conhecer a história de vida de Paula.

Eu me chamo Paula, eu nasci em 1974, sou nascida em Lagarto. Eu me lembro da minha infância no interior, a gente começou a trabalhar muito cedo, aos sete anos meu pai já levava a gente para a roça, para plantar laranja, fumo e maracujá. Lembro muito dos meus irmãos, nós somos sete, a gente sempre brincava, à noite, com os vizinhos de pega-pega, de esconde-esconde, jogo das pedrinhas, era muito legal. Acho que a infância passou muito rápido, sinto muito. Na época, tinha dias que a gente tinha muito trabalho, a gente não ia para o colégio, meu pai dizia: “hoje, vocês vão para o colégio ou não, vocês vão faltar porque

que tem muito serviço”. A gente e a família que tinha de cuidar da roça do fumo. Eu tenho que fazer aquele processo todo de instalação, depois vai enrolar tudo aí ele não deixava a gente ir para escola duas vezes na semana, assim, geralmente era isso.

Comecei a estudar, lembro que nessa escola, estudei até a quarta série e então parei de estudar com 14 anos. O que sinto mais falta é não ter tido a oportunidade de ter estudado mais. Porque parar na quarta série é muito pouco. Eu sinto muito esse fato do meu pai não ter tido condição para eu avançar nos estudos, precisaria ir para a cidade, isso mexe muito comigo. É o que eu digo, o meu desejo, o que eu sinto falta quando era criança é de não ter estudado mais, os estudos, isso eu sinto muita falta ainda hoje de querer ter uma profissão, de querer me formar. Comecei na escola com sete anos, então, eu acho que tinha dificuldades, eu tinha, eu reprovei em algumas séries, mas eu reprovei, acho que era dificuldade de aprender ou então porque faltava muito à escola. Já comecei a trabalhar fora e aí eu não voltei mais a estudar. Até cheguei a me matricular em Boquim, mas não estudei. No ano passado, voltei a estudar aqui. Dos meus 15 até 42 anos, eu parei. Eu acho que a EJA, agora esse novo projeto de estudo, que a escola é uma oportunidade, incentiva a terminar os estudos para quem quer estudar, eu vejo um grande incentivo para acelerar, para a gente que já tinha a idade para terminar. O estudo facilita o trabalho, também ajuda muito para fazer um curso, eu acho que é só querer, ter força de vontade para estudar.

Nos meus 15 anos, saí de casa fui trabalhar em casa de família em Aracaju para ajudar os meus pais. Conheci o meu marido e fui morar em Salvador, sempre gostei de viajar, então, depois, fui morar em São Paulo. Fiquei dois anos e alguns meses lá e depois retornei para

Aracaju, não voltei mais para morar no interior. Tive filhos, meu primeiro filho foi aos 25 anos, sempre trabalhando. Sempre trabalhei de doméstica, cozinheira. Você faz tudo, cozinha, nossa! Faz de tudo, serviço todo da casa. Sempre trabalhei. Logo no início, vim trabalhar aqui em Aracaju. Acho que com 16 anos, vim trabalhar aqui que não era de carteira assinada, vim assinar a carteira quando eu fui morar em São Paulo, aí foi o primeiro emprego de carteira assinada, mas daí para cá, só estou trabalhando de carteira assinada. Tem dois meses que estou desempregada.

Eu tenho esse desejo de querer me formar, mas eu acho que histórias tão lindas de força de querer se formar, mas às vezes, a gente bota tanto obstáculo. Gostaria de fazer algum tipo de curso na minha área, que eu gosto de culinária, até fazer uma faculdade de gastronomia, é o meu sonho.

Ao final da exposição da história de vida da narradora/colaboradora, pode-se discutir sobre as questões abaixo e depois propor aos alunos o desenvolvimento de um projeto de história oral de vida com pessoas da sua comunidade.

1. Identificar os tipos de Fonte Histórica;
2. Usos da História oral;
3. A importância de ressaltar a voz dos sujeitos comuns.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi trabalhar com o gênero narrativo História Oral de Vida com alunos da Educação de Jovens e Adultos da Emef Oviêdo Teixeira, com o propósito de dar visibilidade às experiências de pessoas comuns, muitas vezes esquecidas nas narrativas tradicionais da história. Ao enfatizar a metodologia do trabalho com a história oral, a pesquisa ressaltou a importância dos conhecimentos prévios dos alunos para a efetivação do processo de ensino-aprendizagem.

Assim, é dada a oportunidade ao aluno de compreender a sua história e a da sua comunidade e perceber o quanto as memórias individuais e coletivas são valiosas para a construção da sua identidade.

Neste sentido, o papel do docente pesquisador é de suma importância, já que o professor assume uma postura de investigador junto aos seus alunos. Experiências deste tipo têm demonstrado que as aulas se tornam mais atrativas, visto que os discentes deixam de ser espectadores de uma história distante espacialmente e temporalmente e passam a ser sujeitos da história. Levar para a sala de aula personagens reais com histórias parecidas com a do público da escola é importante, na medida em que lhe causa empatia, uma vez

que o sujeito histórico é alguém que tem trajetórias semelhantes à do alunado.

Foi possível perceber que as experiências de vida dos discentes da EJA da Escola Oviêdo Teixeira, que participaram desse projeto, conectam-se no lugar de moradores da periferia, pobres, trabalhadores informais, baixa escolaridade, migrantes, mestiços, marginalizados e que as suas memórias são representativas de um grupo social ao qual pertencem.

Apesar de todos os problemas enfrentados pelos colaboradores, eles veem na escola uma perspectiva de transformação de vidas, sonham com uma vida melhor perpassada pelo direito à educação. A Educação de Jovens e Adultos, para eles, é a oportunidade de voltar à escola para buscar um lugar social almejado, mas ainda não conquistado.

Paula, Maria, Joana, João, Pedro e Claudia são protagonistas desta pesquisa que, com suas histórias de vida, nos permite refletir sobre quem são os alunos que chegam à EJA, de onde eles vêm e aonde querem ir. São histórias que se entrecruzam nos caminhos da luta pela sobrevivência e, mais que isso, na busca de uma vida digna. A infância e a adolescência de quatro dos seis alunos colaboradores perpassam pela questão do trabalho infanto-juvenil, demonstrando a origem socioeconômica desses indivíduos, de famílias pobres, cuja mão de obra torna-se importante para a sua sobrevivência e da sua família.

A partir das memórias dos colaboradores/narradores, pode-se

discutir uma série de questões em sala de aula, como trabalho no campo, migração do campo para a cidade, brincadeiras de outros tempos, trabalho infantil, preconceito racial, violência urbana, drogas, religiões afro-brasileiras, preconceito religioso, trabalho informal, bullying, preconceito cultural, gravidez na adolescência, problemas que afetam a periferia das cidades, desemprego, entre outras.

O aluno que chega à EJA não é mais o analfabeto, mas um indivíduo que pertence a uma parcela de jovens e adultos que já passaram pela escola e que saíram por conta das condições de sobrevivência. Quando voltam, buscam adquirir um conhecimento que lhe capacite para a conquista de um trabalho formal que lhe ofereça condições dignas de vida.

Todos os participantes deste trabalho veem na educação a única forma de sair do lugar de exclusão. Os sonhos são de um futuro melhor por meio da educação escolar. Amparam-se em outras histórias de superação e acreditam poder ser mais um exemplo. Nenhum deles fez menção ao processo histórico de exclusão de uma determinada classe social, todos assumiram a responsabilidade pela sua trajetória. Outra constatação é de que eles não fizeram nenhuma crítica à organização escolar e nem ao currículo trabalhado na EJA. Somente João e Joana referiram-se ao problema da desvalorização moral do professor em sala de aula.

Quando pensamos em ensino para jovens e adultos não podemos deixar de levar em consideração que a oralidade se constitui na principal ferramenta utilizada para comunicação social. Muitas vezes, tais pessoas exercem papéis importantes dentro da sua família

e comunidade devido à sua competência comunicativa. E a escola necessita estar preparada para fazer esta mediação entre os saberes da vida e as práticas do letramento, pois quando isso não acontece, os discentes desmotivam-se do processo de ensino-aprendizagem.

Explorar as histórias de vida dos jovens e adultos é fundamental para dar sentido ao que está sendo ensinado. Essas pessoas possuem experiências reais da vida cotidiana, que nenhum material didático será capaz de transportar. Aproveitar esta preciosidade é tarefa para o professor que deve usar tais vivências para fazer a ponte entre presente e passado, história local e global. Esta prática pedagógica oferece ao aluno uma história viva e democrática, com cheiro e sabores reais, ao alcance de todos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Josefa de Menezes. A pedagogia intercultural no contexto da formação docente para a Educação de Jovens e Adultos em Sergipe. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Universidad Autónoma de Asunción, Assunção/Paraguai, 2012.

ARROYO, Miguel G. Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BERGER, Daniel Godinho. Trajetórias territoriais dos jovens da EJA. 2009. 106f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, 2009.

BITTENCOURT, Circe. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004.

BITTENCOURT, Circe. Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de História. In: BITTENCOURT, Circe (org.). O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 1997.

BOSI, Éclea. Memória e sociedade: lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAMPOS, Krislaine da Cruz de. As contribuições da história oral no ensino de História. Educação, Linguagem e Memória. In: SEMINÁRIO ECPE/ UNESCO- Universidade do Extremo Sul Catarinense, 2015. Anais [...]. Criciúmas/SC, 2015. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/seminarioECPE/article/view/2177>. Acesso em: 15 ago. 2017.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. Revista Teoria e Educação. n. 2, Porto Alegre: Pannonica, 1990. p. 177-229.

FIGUEIRA, Cristina Reis; MIRANDA, Lillian. Lisboa. Educação patrimonial no ensino de História nos anos finais do Ensino Fundamental: conceitos e práticas. São Paulo: Edições SM, 2012.

FRANCO, Bianca Liz Possebom; SCHMIDT, Maria Auxiliadora M. dos Santos. História oral e aprendizagem histórica: uma experiência com a história das mulheres do bairro Jardim Cruzeiro. Os desafios da Escola

Pública Paranaense na perspectiva do professor PDE: produções didático-pedagógicas. v. 2, Cadernos PDE, Versão Online, ISBN 978-85-8015-079-7, Paraná, 2014. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_ufpr_hist_pdp_bianca_liz_possebom_franco.pdf. Acesso em: 12 ago. 2017.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GIL, Carmem Zeli de Vargas; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. A docência em História: reflexões e propostas para ações. Erechim: Edelbra, 2012.

GUARIZA, Nádia Maria. A História Oral e o Ensino de História: A discussão atual em revistas acadêmicas brasileiras. In: Os desafios da Escola Pública Paranaense na perspectiva do professor. PDE. Paraná, 2014. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1395-8.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2017.

GUIMARÃES FONSECA, Selva. História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História. Revista História Oral, v. 9, n. 1, p. 125-141, jan-jun 2006.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. Guia Prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. História oral: como fazer, como pensar. 2. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.

OLIVEIRA, Regina Soares et al. História. Coleção A reflexão e a prática no ensino. São Paulo: Blucher, 2012.

PASSOS, Joana Célia dos. Juventude negra na EJA: os desafios de uma política pública. 2010. 242f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2010.

POLLACK, Michael. Memória e Identidade Social. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SANTIAGO, Carina. A Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História na

Educação de Jovens e Adultos da Rede Municipal de Florianópolis (2010 – 2015). Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, 2016.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. Ensinar História. São Paulo: Scipione, 2004.

SIQUEIRA, Gabriela Fernandes de. O uso da história oral no ensino de história: uma experiência na Escola Estadual Desembargador Régulo Tinoco. In: SEMINÁRIO DIDÁTICA E ENSINO DE HISTÓRIA. 20 a 22 de junho de 2011. Anais. Natal, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em: <http://sedeh.webnode.com.br/artigos>. Acesso em: 17 ago. 2017.

SOUTO, Paulo Heimar. “É como se tivesse a roça e faltasse a enxada”: formação em serviço de professores de história em áreas interiores. Macapá: Ed. UNIFAP, 2015.

SOUZA. Janine Fontes de; MOTA. Kátia Maria Santos. O silêncio é de ouro e a palavra é de prata? Considerações acerca do espaço da oralidade em educação de jovens e adultos. Revista Brasileira de Educação, v. 12, n. 36, set/dez 2007.

FONTES

1 Entrevistas

“CLAUDIA”, 2018, Entrevistadora: Ana Ligia R. Farias. Aracaju. 22/03/2018.

“JOANA”, 2018, Entrevistadora: Ana Ligia R. Farias. Aracaju. 27/03/2018.

“JOÃO”, 2018, Entrevistadora: Ana Ligia R. Farias. Aracaju. 22/03/2018.

“MARIA”, 2018, Entrevistadora: Ana Ligia R. Farias. Aracaju. 27/03/2018.

“PAULA”, 2018, Entrevistadora: Ana Ligia R. Farias. Aracaju. 27/03/2018.

“PEDRO”, 2018, Entrevistadora: Ana Ligia R. Farias. Aracaju. 27/03/2018.

2 Documentos Diversos

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Carlos Roberto Jamil Cury (relator). Parecer CEB11/2000 - Diretrizes curriculares nacionais para a educação de jovens e adultos.

BRASIL, Ministério da Educação, (2002). Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos: segundo segmento do ensino fundamental: 5^a à 8^a série: introdução. Brasília, MEC/ SEF.

SEMED. Prefeitura Municipal de Aracaju. EMEF Oviêdo Teixeira. Projeto Político Pedagógico (PPP). 2020.

3 Legislação

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 1996.

SERGIPE. CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO. Estabelece diretrizes para o funcionamento da Educação de Jovens e Adultos nas instituições educacionais pertencentes ao Sistema de Ensino o Estado de Sergipe e dá outras providências. Resolução nº 2, de 28 de maio de 2013. Publicada no Diário Oficial nº 26.745, em 12 de junho de 2013.